

**Faculdade Batista**  
**Pioneira**



MERLISE DOS SANTOS

**UNS AOS OUTROS:**

**O uso do termo *Allélon* e sua relação com o viver em comunidade**

IJUÍ/RS  
2015

MERLISE DOS SANTOS

# **UNS AOS OUTROS:**

**O uso do termo *Allélon* e sua relação com o viver em comunidade**

TCC apresentado para cumprir as exigências da disciplina de TCC II do Curso de Bacharelado em Teologia, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup> Marivete Zanoni Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA  
IJUÍ - RS  
2015

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

**UNS AOS OUTROS:**  
**O uso do termo *Allélon* e sua relação com o viver em comunidade**

---

Autor: **Merlise dos Santos**

---

Orientador de Conteúdo: **Ms. Josemar Valdir Modes**

---

Avaliador de Forma: **Ms. Josemar Valdir Modes**

---

Avaliador de Português: **Esp. Luciano G. Soares**

---

Avaliador Final: **Nome**

---

**Média Final**

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

IJUÍ  
2015

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>I – UNS AOS OUTROS EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO</b> .....	<b>9</b>
<b>1.1 A Carta de Paulo aos romanos</b> .....	<b>9</b>
1.1.1 Conteúdo .....	9
1.1.2 O autor .....	10
1.1.3 Destinatários .....	11
1.1.4 Propósito .....	12
1.1.4.1 Ênfases .....	14
1.1.4.2 Divisão da carta .....	15
<b>1.2 A importância do relacionamento mútuo para o progresso do Evangelho em Roma</b> .....	<b>16</b>
<b>II – UNS AOS OUTROS EM SEU SENTIDO ORIGINAL</b> .....	<b>19</b>
<b>2.1 Uns aos outros separadamente – da expressão em português</b> .....	<b>19</b>
2.1.1 Um .....	19
2.1.2 Outro .....	21
<b>2.2 Uns aos outros- a partir do original grego <i>αλληλων</i></b> .....	<b>22</b>
<b>2.3 Uns aos outros e seus usos comuns</b> .....	<b>24</b>
2.3.1 Amar Uns aos Outros (Rm 12.10) .....	24
2.3.2 Membros Uns dos Outros (Rm12.5).....	27
2.3.3 A mesma atitude de Uns para com os Outros (Rm 12.16) .....	28
2.3.4 Julgar Uns aos Outros (Rm 14.13) .....	29
2.3.5 Edificar Uns aos Outros (Rm 14.19) .....	31
2.3.6 Aceitar, Acolher Uns aos Outros (Rm 15.7).....	32
2.3.7 Aconselhar Uns aos Outros (Rm 15.14) .....	33
2.3.8 Saudar Uns aos Outros (Rm 16.16) .....	34
<b>2.4 Traduções comuns para o termo <i>Allélon</i> e seu significado</b> .....	<b>36</b>
<b>III – UNS AOS OUTROS PARA A IGREJA ATUAL</b> .....	<b>39</b>
<b>3.1 A importância dos relacionamentos</b> .....	<b>39</b>
3.1.1 Sua importância para a saúde humana .....	41
3.1.2 Sua importância para o crescimento da igreja .....	41
3.1.3 Sua importância para o crescimento espiritual .....	43
<b>3.2 Os desafios dos relacionamentos</b> .....	<b>45</b>
3.2.1 Rejeição .....	45
3.2.2 Manter a unidade .....	46
3.2.3 Quebrar barreiras .....	47
3.2.4 Consciência de Interdependência .....	49
<b>3.3 Características do relacionamento cristão</b> .....	<b>50</b>
3.3.1 Investimento .....	50
3.3.2 Perdão .....	52
3.3.3 Comunhão.....	54

<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>

## RESUMO

Na sociedade brasileira os relacionamentos interpessoais apresentam vários problemas: intrigas, inveja, amarguras, disputas por posições de destaque, mentiras, entre outros. O cenário nas igrejas não é tão diferente! Há uma crise nos relacionamentos. E, é por isso que, o relacionamento entre os cristãos é um dos temas que merece destaque e atenção nas igrejas. A preocupação com esse tema foi apresentada pelo próprio Senhor Jesus que via como necessária a unidade da igreja e orou para que todos fossem um em João 17.21. A principal palavra no grego que expressa comunhão é *Allélon*, que, em português, tem o significado de “Uns aos outros”. Faz-se necessário compreender o que essa palavra tem a dizer sobre a relação de harmonia nos relacionamentos entre os cristãos. Para isso, é importante fazer um resgate do uso do termo no seu contexto histórico, bem como em seu sentido original. O viver em comunidade só terá sentido se o termo “Uns aos outros” for aplicado em sua essência na igreja atual.

## INTRODUÇÃO

Viver o termo “Uns aos outros” em um ambiente social onde imperam o egoísmo e o individualismo, se caracteriza em um dos grandes desafios a serem enfrentados. Em meio a tanta diversidade, é inevitável que os problemas surjam e associado a eles, a dificuldade de aceitação. Mas, ao se tratar da igreja de Cristo, esses mesmos problemas são aplicáveis? Ou ainda, como a igreja poderia superar as dificuldades de convivência nos relacionamentos e se tornar relevante para a sociedade e para cada um?

Perguntas como essas já intrigavam os grandes líderes do Novo Testamento, como o apóstolo Paulo e o próprio Senhor Jesus, e já eram motivo de discussão na igreja primitiva. Em seu contexto, encontravam-se lado a lado pessoas das mais diversas camadas sociais, com opiniões diferentes, temperamentos contrários, hábitos divergentes e maturidade de fé em variados níveis. Diante desse quadro, é muito fácil surgirem os conflitos, os problemas de relacionamentos, e até mesmo uma “crise na comunhão”, exigindo uma preocupação especial de cada integrante dessa comunidade, pois a heterogeneidade à primeira vista, pode pôr um fim na comunhão.

Se a igreja quer ser relevante na sociedade e no mundo, primeiramente deve voltar o seu olhar para “dentro”, para o convívio entre os irmãos. E ao olhar para esse quadro, o apóstolo Paulo apresenta os mandamentos recíprocos, tendo como carro-chefe o maior mandamento deixado por Jesus: “amar o próximo” (Jo 13.34). A partir desse alicerce, desdobram-se os mais extraordinários ensinamentos, que quando colocados em prática, transformam a vida da própria pessoa, da comunidade e do mundo.

O “Uns aos outros” – expressão muito utilizada por Jesus e seus apóstolos para ensinar como deveria ser o relacionamento entre os cristãos, é a maior proposta de vida do Novo Testamento. Uma proposta que os cristãos devem abraçar e lutar para colocá-la em prática. Do maior ao menor, todos devem estar envolvidos em desenvolver a mutualidade da fé, a partir das relações de cordialidade, manifestando o amor em atos concretos. Tais expressões que estão definidas como ordens em todo o Novo Testamento, são enfatizadas pelo apóstolo Paulo em vários momentos, e não são passíveis de questionamentos por se tratar de ordens. Algumas delas são: amem “uns aos outros”, suportem “uns aos outros”, perdoem “uns aos outros”, aconselhem “uns aos outros”, edifiquem “uns aos outros”, saúdem “uns aos outros”, exortem “uns aos outros”, consolem “uns aos outros”.

Em virtude da importância desse termo para os relacionamentos entre os cristãos atualmente, faz-se necessário realizar um estudo profundo do termo “Uns aos outros” em seu contexto histórico, bem como do uso do termo em seu sentido original, tendo como base a carta de Paulo aos Romanos. Tal carta é uma espécie de manifesto cristão e o seu conteúdo foi determinado pelas situações específicas em que os romanos se encontravam na época. Tais definições apontam para uma direção: *qual a importância do relacionamento mútuo para o avanço do Evangelho?*

Para responder à pergunta que norteia o presente trabalho, faz-se necessário um desmembramento do termo “Uns aos outros” para uma análise mais precisa, observando o significado no original grego, bem como seus usos comuns e traduções para o termo. Dessa forma o desafio que Paulo lançou para a igreja de Roma será melhor entendido, na medida em que os cristãos são capazes de superar as dificuldades de convivência nos relacionamentos, tendo como base o “Uns aos outros” para desenvolverem um ambiente de amor e mutualidade na “diversidade cristã”.

Passados milhares de anos, vê-se a igreja atual com as mesmas dificuldades enfrentadas pela igreja de Roma. As características levantadas por essa comunidade são as mesmas expressas nos dias atuais. Em tempos de preocupação com o fator “crescimento da igreja”, o espírito de comunhão e um ambiente que propõe o amor fraternal entre os irmãos deve ser vivido e almejado com todas as forças, de tal forma que o “Uns aos outros”, seja o diferencial da igreja atual.

# I – UNS AOS OUTROS EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

## 1.1 A Carta de Paulo aos romanos

### 1.1.1 Conteúdo

Com um conteúdo impressionante, a carta de Paulo aos romanos é um documento imprescindível para a história da igreja. A carta recebeu ao longo da história várias características e carrega a reputação de uma epístola de difícil compreensão. Mas, a partir dela pode-se conferir a conversão de Agostinho, a defesa da fé por Lutero e um novo modelo de interpretação proposto por Barth, além de uma revolução na teologia.<sup>1</sup>

O conteúdo de romanos é considerado o maior tratado teológico da história do Novo Testamento, e estudar essa carta é aprofundar-se na essência do cristianismo, além de ser o trampolim da revolução desencadeada com a reforma proposta pelos pais da igreja.<sup>2</sup> Vários ícones da história do cristianismo escrevem sobre Romanos, Lange afirma que “é a epístola das epístolas, a mais importante e proeminente carta de Paulo”.<sup>3</sup> John Murray acredita “que é uma exposição e uma defesa do evangelho da graça”.<sup>4</sup> Para John Stott, Romanos “é uma espécie de manifesto cristão”.<sup>5</sup> E Bruce caracteriza Romanos como “o evangelho segundo Paulo”.<sup>6</sup> Percebe-se que nenhum outro livro da Bíblia recebe tanta atenção, quanto esse livro, que revela o emergir de um pensamento teológico que agora será revelado também aos gentios.<sup>7</sup>

Paulo, o apóstolo dos gentios direcionou o seu olhar para um novo desafio com o livro de Romanos, o de alcançar o ocidente, mas, para que suas intenções se tornassem operacionais, ele precisou ir além do que apenas chamar a atenção para si, ele precisou partir de um ponto inicial, ou seja, de uma igreja que abraçasse a sua causa. O plano de Paulo foi audacioso, pois, almejava alcançar o apoio da igreja em Roma, e ainda, tornar seus projetos missionários uma realidade.<sup>8</sup> Para que os seus planos se tornassem bem sucedidos, era indispensável que a igreja

---

<sup>1</sup> HÖRTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Evangélica Esperança, 1996, p. 86.

<sup>2</sup> ELWELL, Walter; YARBROUGH, Robert. **Descobrimo o Novo Testamento**- uma perspectiva histórica e teológica. Trad. Lúcia Kerr Jóia. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 275.

<sup>3</sup> LANGE, John Peter. **Epistle of Paul to the Romans**. In: Lange's Commentary on the Holy Scriptures. Vol. 10. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980, p. v., 1.

<sup>4</sup> JOHN, Murray. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2003, p. 12.

<sup>5</sup> STOTT, John. **Romanos: introdução e comentário**. São Paulo: ABU, 2003, p. 13.

<sup>6</sup> BRUCE, F. F. **Romanos: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 20.

<sup>7</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 12.

<sup>8</sup> HÖRSTER, 1996, p. 86.

conhecesse o conteúdo da sua pregação, ou seja, tanto cristãos-judeus, como cristãos-gentios, deveriam ser capazes de compreender a dimensão do Evangelho de Cristo.

Outro ponto relevante era fazer com que a igreja de Roma conhecesse o apóstolo pessoalmente, para que assim entendesse a dimensão do seu trabalho e pudesse contemplar a sua visão missionária.<sup>9</sup>

### 1.1.2 O autor

Não há questionamentos quanto à autoria da carta aos Romanos, dado o número de evidências que o próprio apóstolo Paulo aponta. Ele se apresenta como o remetente da carta, e assegura isso com autoridade e submissão ao se denominar como servo de Cristo.<sup>10</sup> Bruce afirma que Paulo procura deixar claro seus propósitos de autor, ao mostrar transparência e honestidade em seus escritos, além de uma espontaneidade ao escrever ou ditar os mesmos.<sup>11</sup> Shedd afirma que Romanos é o escrito mais longo, sistemático e com conteúdo mais profundo de todas os escritos de Paulo, considerado o mais relevante e categórico livro da Bíblia.<sup>12</sup>

Uma pequena controvérsia se dá quanto ao número total de capítulos escritos diretamente por Paulo na carta dirigida para Roma. Um número expressivo de estudiosos acredita na possibilidade da carta aos Romanos ser uma combinação de mais cartas, ou ainda, que um redator tenha feito modificações no texto original.<sup>13</sup> Apesar disso, as controvérsias não possuem uma base tão substancial, que possa solidificar o texto, ou desqualificar o autor.

Alguns dos pais apostólicos fazem menção aos escritos de Paulo, comprovando assim a veracidade dos mesmos e a identidade dele como autor. O bispo de Esmirna, Policarpo, aponta estar familiarizado com tais escritos, dentre eles: Romanos.<sup>14</sup> Marcião, o herege rejeitado pela igreja romana,<sup>15</sup> também reconhece o livro de Romanos como um dos principais escritos de Paulo.<sup>16</sup> Lopes afirma que os “Pais da igreja como Eusébio, Irineu, Orígenes, Tertuliano e

---

<sup>9</sup> HÖRSTER, 1996, p. 86.

<sup>10</sup> LOPES, 2010, p. 17.

<sup>11</sup> BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia.** Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003, p. 12.

<sup>12</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Shedd** – Antigo e Novo Testamentos. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: SBB; Vida Nova, 1997, p. 1582.

<sup>13</sup> CARSON, D. A.; MOO, Douglas. J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento.** Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 274-275.

<sup>14</sup> HENDRIKSEN, William. **Romanos: comentário do Novo Testamento.** Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 12.

<sup>15</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 42.

<sup>16</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 12.

Clemente dão pleno testemunho da autoria paulina de Romanos”.<sup>17</sup> E o Fragmento de Muratoriano segue o mesmo modelo, propondo o seguinte fragmento:

Ora, as epístolas de Paulo, quais são elas, donde e por que razão foram enviadas, elas mesmas esclarecem àquele que está disposto a entender. Antes de tudo, ele escreveu por extenso aos Coríntios...então aos Gálatas... e aos Romanos sobre a ordem das Escrituras, notificando também que Cristo é o principal tema nelas.<sup>18</sup>

Carson, Moo e Morris atestam que a carta aos Romanos foi escrita por Paulo,

e essa afirmação não tem sido seriamente contestada. Tércio, [...] foi provavelmente o amanuense ou escriba de Paulo. Embora às vezes Paulo talvez tenha dado a seu amanuense certa liberdade na redação de suas cartas, praticamente inexistem indícios de que isso tenha acontecido em Romanos. Um pequeno número de pessoas têm-se perguntado se alguns trechos de Romanos foram escritos por outra pessoa e incorporados na carta de Paulo, mas nenhuma dessas teorias tem-se revelado convincente.<sup>19</sup>

Diante de tantas evidências, toda e qualquer rejeição da autoria da carta aos Romanos ao apóstolo Paulo, deve ser analisada cautelosamente, pois ao impor dúvidas sobre essa carta, os demais escritos de Paulo como: 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios e Colossenses também o seriam, dado ao número de descrições e exortações encontradas em ambos os escritos.<sup>20</sup>

### 1.1.3 Destinatários

Por volta do ano 750 a. C. era fundada as margens do rio Tibre, a cidade de Roma. Até o ano de 510 a. C. Roma foi governada por reis, somente mais tarde passou a ser uma república. Não demorou muito para se tornar conhecida por toda a Itália e carregar a fama de cidade onde as competências mais importantes eram conferidas e passou a ser o centro de um império conglomerado.<sup>21</sup> É mencionada oito vezes no Novo Testamento, sendo que em duas vezes Paulo menciona que pretende ir pregar lá.<sup>22</sup>

Roma tinha aproximadamente um milhão de habitantes, dentre eles quarenta mil eram judeus. A cidade acolhia pessoas de todas as partes do mundo e tinha uma função estratégica na expansão do Evangelho. Considerada o cerne do ocidente, famosa e cosmopolita, onde todos

<sup>17</sup> LOPES, 2010, p. 17.

<sup>18</sup> HENDRIKSEN, 2001. p. 12

<sup>19</sup> CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 269.

<sup>20</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 14.

<sup>21</sup> MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. Trad. Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010, p. 402.

<sup>22</sup> ELWELL, YARBROUGH, 2002, p. 276.

os caminhos levavam a ela, por esse motivo Paulo queria conquistá-la para Cristo. Mas, ao mesmo tempo em que o glamour de Roma ecoava pelos quatro ventos do ocidente, o outro lado da moeda, era de escuridão e tristeza. Lopes destaca a realidade de Roma como “a cloaca do mundo, o esgoto pútrido em que as pessoas chafurdavam nas práticas mais avilantes”.<sup>23</sup>

Erdman explica que “Roma era o empório em que tinham todos os povos despejado suas idolatrias e corrupções, seus desregramentos e seu pecado; era Roma um espelho do mundo pagão, com sua sordidez, e miséria, e tremendo pressentimento da ira vindoura”.<sup>24</sup> Com uma população estimada em 1.000.000 e 1.500.000 de habitantes, Roma era considerada a potência da época. Com inúmeras estradas famosas que partiam da capital, para diferentes partes do império, Roma servia como uma ponte para os viajantes.<sup>25</sup> Hendriksen afirma que as pessoas iam até Roma para:

estabelecer-se ali, administrar os negócios, ocupar-se da indústria, escapar da prisão (era fácil ‘perder-se’ nessa grande cidade), satisfazer sua curiosidade a respeito das metrópoles às margens do Tibre, sobre as quais tantos rumores tinham estado em circulação, para visitar amigos e parentes e, melhor de todas, levar o evangelho aos romanos. Além disso, milhares de pessoas tinham sido, naquele tempo, *deportadas* para Roma.<sup>26</sup>

Hörster ressalta que “na época da redação da carta, a igreja era composta na sua maioria de cristãos-gentios e provavelmente inúmeras pessoas que já eram cristãs se mudaram do Oriente para Roma”.<sup>27</sup> Carson, Moo e Morris acrescentam que, quando Paulo escreveu a carta, havia cristãos judeus e gentios em Roma, que se reuniam nas casas, chamadas de igrejas nos lares.<sup>28</sup> E esse era o interesse de Paulo, que os dois grupos pudessem conviver entre si e aprender a respeitar e amar mutuamente.<sup>29</sup>

### 1.1.4 Propósito

O apóstolo Paulo escreve a carta aos Romanos com vários propósitos, dentre eles estão: pedir que a igreja interceda em seu favor, pois a viagem que pretendia realizar até Jerusalém era perigosa, pois, tinha medo de ser morto pelos judeus no caminho e tinha receio que os “santos”

---

<sup>23</sup> LOPES, 2010, p. 24.

<sup>24</sup> ERDMAN, Charles. **Comentário de Romanos**. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Presbiteriana, 1925. p. 13.

<sup>25</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 27.

<sup>26</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 28.

<sup>27</sup> HÖRSTER, 1996, p. 91.

<sup>28</sup> CARSON, MOO, MORRIS, 1997, p. 272.

<sup>29</sup> HÖRSTER, 1996, p. 92.

de Jerusalém não estivessem dispostos a receber as ofertas levantadas pelos gentios.<sup>30</sup> Carson, Moo e Morris afirmam que “um dos propósitos de Paulo ao escrever a carta pode ter sido, portanto, o de apresentar-se aos cristãos de Roma, preparando assim sua visita e seu pedido de patrocínio. Aliás alguns acreditam que esse é o principal motivo de Paulo ter escrito”.<sup>31</sup> Paulo direciona uma carta para uma igreja da qual ele ainda não conhecia, mas, que tinha o desejo de transformar em local de passagem para sua missão. “Por meio da carta ele prepara essa nova etapa de sua atuação, expondo à igreja seu evangelho da justiça de Deus”.<sup>32</sup> Hendriksen salienta que Paulo desejou ir até Roma para abençoar seus amigos e por eles ser abençoado. A razão de escrever aos romanos, é porque os ama, Paulo tem amigos ‘em Cristo’ ali e faz questão de redigir uma comunicação para mostrar o seu amor, gratidão, e também faz um pedido de oração ao contar-lhes seus planos de viagem.<sup>33</sup> O uns aos outros é manifestado aqui pelo apóstolo, na medida em que fala à eles e espera algo deles.

Em segundo lugar, o propósito de Paulo é tornar conhecido o seu desejo de visitar a igreja. Paulo desejou visitá-los em outras oportunidades, mas foi impedido e por essa razão nasce o maior tratado teológico do Novo Testamento com o objetivo de abençoar a todos, ao longo dos séculos.<sup>34</sup> Wilson destaca que:

Ao invés de simplesmente edificar os crentes em Roma pelo ensino oral, uma honra bem maior foi reservada por Deus ao seu servo; pois todo cristão que deseja se tornar firmemente fundamentado na fé deve ainda colocar-se aos pés de Paulo de Tarso para receber, com toda humildade, aquele ‘evangelho de Deus’ que foi primeiro confiado a ele ‘mediante a revelação de Jesus Cristo’.<sup>35</sup>

Apesar de todos os argumentos apresentados, alguns teólogos questionam o propósito da carta aos romanos. Ao mesmo tempo que há consenso de que Paulo seja o escritor, existe dúvidas quanto ao propósito da carta. Uns acreditam que Romanos é uma carta de cunho pessoal, outros afirmam que ela é prioritariamente destinada a questões concernentes da igreja romana.<sup>36</sup> Hendriksen ressalta que,

A epístola aos Romanos não é realmente ‘um compendio completo de Doutrina Cristã. ‘Se a intenção e Paulo fosse redigir tal documento, seguramente teria incluído muito mais material. Paulo é um homem muito prático. Sabe exatamente do que necessita a igreja romana. Guiado pelo

---

<sup>30</sup> LOPES, 2010, p. 26.

<sup>31</sup> CARSON, MOO, MORRIS, 1997, p. 280.

<sup>32</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 409.

<sup>33</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 38.

<sup>34</sup> LOPES, 2010, p. 26.

<sup>35</sup> WILSON, Geoffrey. **Romanos**. São Paulo: PES, 1981, introdução.

<sup>36</sup> ELWELL, YARBROUGH, 2002, p. 276.

Espírito Santo, ele satisfaz tal necessidade. Além disto, já que a doutrina em jogo, ou seja, aquela concernente à maneira em que os pecadores são salvos, é básica, o que está apresentado em 1.16-8.<sup>39</sup> é urgentemente necessário, não só para a igreja em Roma, mas para toda a igreja, para todo crente, para todo pecador, por todos os séculos.<sup>37</sup>

Em terceiro lugar Paulo tinha o desejo de compartilhar as boas novas do Evangelho com os irmãos de Roma, afim de que fosse por eles enviado até a Espanha. Havia necessidade de uma base missionária que servisse de suporte para seus novos projetos e também apoio financeiro e espiritual.<sup>38</sup> Paulo era um estrategista e tinha interesse de repartir o evangelho com a igreja mais importante do império, que fazia distinção entre gentios e judeus.

#### *1.1.4.1 Ênfases*

Por se tratar de uma enciclopédia de teologia, a carta aos Romanos apresenta diversas ênfases. A primeira preocupação do apóstolo Paulo é com a unidade da igreja. A igreja de Roma era formada por gentios e judeus e não deveria haver distinção entre aqueles que compartilham do mesmo Senhor, o que deveria prevalecer era a igualdade entre eles. Para Hörster,

a carta aos Romanos trata desse Deus que torna as pessoas justas para que possam viver com ele e de acordo com a sua vontade. A carta afirma que todas as pessoas – judeus e gentios- vivem em contradição com os princípios de Deus; portanto, necessitam de Jesus Cristo, que intervém de forma vicária.<sup>39</sup>

Paulo também deseja demonstrar a universalidade do pecado, gentios e judeus estão em igual condição perante Deus: destituídos da sua glória. Para essa sentença Paulo apresenta a manifestação da justiça de Deus, através do sacrifício de Jesus na cruz e expõe a doutrina da justificação, enfatizando que ela não é alcançada pelas obras, mas sim pela fé em Jesus Cristo. O apóstolo enfatiza também a nova vida que Jesus Cristo proporciona para aqueles que nele creem, uma vida vitoriosa e de uma busca constante por santidade, revelando a soberania de Deus ao escolher presentear o pecador com a sua graça. Uma última ênfase apresentada é a essencial necessidade de uma constante mudança nos relacionamentos: com Deus, com si mesmo e com o próximo.<sup>40</sup>

De acordo com Wiersbe, a carta aos Romanos mostra que as pessoas devem colocar tudo em ordem com Deus, com si mesmas e com os outros. Ele ressalta que a justiça de Deus recebida

<sup>37</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 40.

<sup>38</sup> LOPES, 2010, p. 27.

<sup>39</sup> HÖRSTER, 1996, p. 89.

<sup>40</sup> LOPES, 2010, p. 28-31.

pela fé permite que o ser humano viva corretamente.<sup>41</sup> É importante salientar que Paulo apresenta dos capítulos 1-11 a doutrina da salvação e dos capítulos 12-16 ele trata dos relacionamentos entre os cristãos, demonstrando a importância desse assunto para a igreja.

#### 1.1.4.2 Divisão da carta

Capítulo	Divisão	Versículos-chave
1.1-17	Introdução Cabeçalho Prólogo Tema: <b>O evangelho de Jesus Cristo</b>	<b>1.16s</b>
1.8-5.21 1.18-31 2.1-27 3.1-20 3.21-31 4.1-25 5.1-11 5.12-21	1ª parte O ato de Deus por meio de Jesus Cristo salva Todos pecaram - Gentios - Judeus - Todos O ato de Deus vale para a salvação de todos Aceitação da salvação por meio da fé; ex. Abraão A consequência da salvação é paz com Deus A salvação de Deus é abrangente: A tipologia Adão-Cristo	<b>3.23s,28</b>
6.1-8.39 6.1-23 7.1-25 8.1-30 8.31-39	2ª parte <b>O ato de Deus por meio de Jesus Cristo liberta</b> do poder do pecado do domínio mortal da lei (especialmente 7.14-25) para a vida no Espírito Santo LOUVOR A DEUS	<b>6.23</b> <b>8.1s,14,16,28.</b>
9.1-11.36 9.1-5 9.6-33 10.1-21 11.1-10 11.11-24 11.25-31 11.32-36	3ª parte <b>O ato de Deus por meio de Jesus Cristo vale para os judeus</b> Israel é o povo escolhido de Deus Deus também escolhe gentios para o seu povo Israel permanece no caminho da lei e perde a salvação Deus não abandonou Israel Salvação dos gentios como estímulo para Israel A conversão futura de Israel LOUVOR A DEUS	<b>10.4,14.17</b>
12.1-16.27 12.1-2 12.3-8 12.9-21 13.1-7 13.8-10 13.11-14 14.1-15.12	4ª parte <b>O ato de Deus por meio de Jesus Cristo transforma o viver</b> Base Colaboração na igreja Amor aos irmãos e aos inimigos Responsabilidade política Amor Preparo para segunda vinda Liberdade evangélica	<b>13.1</b> <b>14.7-9; 15.7</b>

<sup>41</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 673. V. I

15.13-16.24	Final	
15.13	Bênção	
15.14-33	Observações pessoais	
16.1-24	Saudações	
16.25-27	LOUVOR A DEUS	

Esta é a divisão apresentada por Hörster.<sup>42</sup>

## 1.2 A importância do relacionamento mútuo para o progresso do Evangelho em Roma

O apóstolo Paulo tinha grande interesse em visitar Roma, em virtude de não ter sido ele o fundador dessa igreja, e também porque possuía amigos ali, conforme Romanos 16. Muito embora, esse não tenha sido o seu propósito inicial para a confecção da carta, o que fica claro é a necessidade que Paulo tem, é de alertar a igreja por causa das divisões que eram conhecidas e recorrentes em Roma. Em virtude disso, a última parte de sua carta mostra a importância do amor nos relacionamentos e como isso interfere de maneira abrangente em diversas áreas da vida dos cristãos. Murray ressalta que,

Paulo aborda os deveres concretos e práticos que se impõem aos crentes. Tais deveres dizem respeito, particularmente, às relações mútuas, na comunidade e no companheirismo dos santos. Visto que os crentes mantêm certas relações para com os outros homens e instituições, Paulo fala sobre a conduta que convém aos santos no exercício de suas responsabilidades sociais e políticas.<sup>43</sup>

O apóstolo Paulo procura mostrar como a fé em Jesus Cristo tem o poder de mudar a vida das pessoas, com implicações nas atividades concernentes a igreja, nos relacionamentos uns com os outros, com as autoridades e ainda tem interferência no modo como as pessoas tratam de assuntos divergentes, ele ressalta que o mundo precisa de uma restauração, que só será possível mediante o poder do Evangelho.<sup>44</sup> Paulo passa agora a tratar a partir do capítulo 12, de uma dedicação pessoal a Deus, que leva a uma atitude de submissão às autoridades, à sua própria vida e também a todos aqueles que estão à volta, ele exorta a partir do modelo de Cristo. Barth afirma que

este não é um tema abordado apenas nesta parte quase final da exegese da Epístola aos Romanos mas, conquanto que Jesus Cristo seja o único assunto de toda a pregação Paulina, em nenhuma de suas cartas – soberana e

<sup>42</sup> HÖRSTER, 1996, p. 87, 88.

<sup>43</sup> MURRAY, John. **Comentário Bíblico Fiel**. São José dos Campos: Fiel, 2003, p. 24.

<sup>44</sup> HÖRSTER, 1996, p. 90.

divinamente inspiradas – deixou o Apóstolo de referir-se ao problema da vivência cristã e dos cristãos;<sup>45</sup>

O assunto abordado por Paulo é profundo e preciso, pois penetra no âmago do ser humano e suas experiências individuais e espalha-se para todos os segmentos de sua vida cotidiana. Ele trata do amor que os irmãos devem demonstrar uns para com os outros, um amor abrangente e envolvente. Em Romanos 12.9-10, Paulo faz referência a esse amor e usa a expressão “uns aos outros”<sup>46</sup>, para atestar que:

ao enunciar a primazia do amor e ao escrever à igreja, conforme Paulo agora estava fazendo, não seria possível imaginarmos um amor de nível inferior àquele que se revela em seu grau mais elevado, isto é, o amor na comunidade dos santos. Por isso, o apóstolo disse: “Uns aos outros” focalizando aquele círculo de pessoas ao qual esta carta foi endereçada.<sup>47</sup>

O relacionamento com os irmãos está intimamente ligado ao fato de pertencerem uns aos outros, como uma grande família que intercede, que ora e que vive em comunidade. O corpo de Cristo vive em unidade, procede de uma só família, com o mesmo senso de responsabilidade para com o próximo, embora com vários membros, mas conectados em um ponto em comum, Cristo. Toda a diversidade dos membros tem o único propósito, de mostrar Cristo ao mundo. Lopes ressalta que “através dessa diversidade, o corpo de Cristo é completo, pois as diferenças suprem as necessidades”.<sup>48</sup> O objetivo de Paulo é mostrar que embora haja diferenças nas partes do corpo, com funções diferentes, todos são importantes uns aos outros e estão sob a obrigação de servir uns aos outros, na medida em que pertencem ao mesmo corpo.<sup>49</sup>

Murray destaca que,

Os crentes não somente são membros de um único corpo; também são membros uns dos outros. Esta é uma maneira incomum de expressar o relacionamento corporativo. Entretanto, não se trata de uma redundância. Isto indica o que não fora enunciado no fato da unidade, ou seja, a comunhão de possessões, a comunhão que os crentes desfrutam uns com os outros. Eles têm propriedades uns sobre os outros e, portanto, sobre os dons e as graças uns dos outros. Não se trata do comunismo que destrói a propriedade pessoal, e sim de uma comunidade que reconhece os dons distinguidores que Deus distribui; deste modo, a individualidade é zelosamente conservada. Mas a diversidade enriquece cada membro, porquanto gozam de comunhão em todos os dons do

<sup>45</sup> BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Novo Século, 1999, p. 656.

<sup>46</sup> MURRAY, 2003, p. 521.

<sup>47</sup> MURRAY, 2003, p. 522.

<sup>48</sup> LOPES, 2010, p. 404.

<sup>49</sup> CRANFIELD, C.E.B. **Comentário de Romanos**- versículo por versículo. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 274.

Espírito Santo, aos quais Deus outorgou de conformidade com sua própria vontade.<sup>50</sup>

Paulo fala que cada indivíduo é parte do outro, e trabalha em benefício de outro alguém, para a edificação do todo, por isso faz questão de salientar a importância do amor, como o cerne desse relacionamento, permitindo que cada parte do corpo funcione de maneira benéfica e em conformidade. Stott salienta que o amor possui alguns ingredientes como: a sinceridade, que no original tem o significado de ‘sem hipocrisia’; o discernimento para se posicionar; a afeição uns pelos outros, da mesma forma como os da família de sangue; honra e entusiasmo pelas obras de Deus; paciência e generosidade na participação dos sofrimentos dos outros; hospitalidade, principalmente pelos estranhos; simpatia e harmonia, na medida da unidade da fé e humildade, sempre preferindo o próximo do que a si mesmo.<sup>51</sup> Wiersbe conclui o pensamento de Paulo ao atestar que os cristãos devem:

se colocar no lugar dos outros. A comunhão cristã vai muito além de um tapinha nas costas e de um aperto de mão. Significa dividir os fardos e as bênçãos para que todos cresçamos juntos e glorifiquemos ao Senhor. Se os cristãos não conseguem se entender, não podem enfrentar os inimigos. Uma atitude humilde e uma disposição para compartilhar são as marcas de um cristão que, verdadeiramente, ministra ao corpo. Jesus ministrou a pessoas comuns, e elas o ouviram com alegria. A igreja local que resolve dedicar-se apenas à "classe alta" está fora do ideal cristão de ministério.<sup>52</sup>

Acima de tudo, o apóstolo Paulo quer mostrar que as diferenças existentes na igreja de Roma, e todas as dificuldades decorrentes de tais diferenças, poderiam ser sanadas pelo simples fato de que cada um seria responsável de exercer o amor uns pelos outros. Na nova comunidade de fé, ou nova ordem, o corpo de Cristo deveria ser o equivalente social coletivo. Atitudes como a solidariedade e o afeto de uns para com os outros trariam acréscimos para o intento de Paulo que era de, a partir do próprio Evangelho criar a base para tal comunhão.

---

<sup>50</sup> MURRAY, 2003, p. 483.

<sup>51</sup> STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. São Paulo: ABU, 2000, p. 210-212.

<sup>52</sup> WIERSBE, 2006, p. 725.

## II – UNS AOS OUTROS EM SEU SENTIDO ORIGINAL

### 2.1 Uns aos outros separadamente – da expressão em português

Faz-se necessário ressaltar que no original, grego, a expressão “Uns aos Outros”, não é entendida como na língua portuguesa, como um termo só, sendo necessário uma análise das palavras em separado, por isso não encontra-se muito material sobre esta expressão.

#### 2.1.1 Um

Para apresentar o conceito de uma pessoa ou de uma coisa, o Novo Testamento faz uma separação em três grupos diferentes: *monos*, *heis*, *hapax* e *ephapax*. Para uma boa compreensão dos mesmos, faz-se necessário uma análise da sua localização no texto e uma ligação com Deus ou Jesus Cristo. Coenen e Brown ressaltam que:

Em termos gerais, portanto, *monos* tem uma conotação polêmica, no contraste com outros deuses, salvadores e religiões. *heis* se emprega para confessar a unidade e a singularidade de Deus. *hapax* e *ephapax* ressaltam a natureza “de uma vez para sempre” das ações de Deus na história, especialmente em Jesus.<sup>53</sup>

Por isso, somente o termo εἷς (*heis*) será aprofundado nesse estudo. εἷς (*heis*), é o primeiro numeral cardinal, ou seja, aquele que expressa uma quantidade absoluta e está no masculino. No feminino e neutro as formas são: *mia* e *hen*.<sup>54</sup> Vine, Unger e Jr. Propõem vários significados, dentre eles estão:

o significado de: “um” em contraste com muitos (Mt 25.15); em Rm 5.18 “(por) uma (só ofensa)”, ou seja, a transgressão de Adão em contraste com “uma só ato de justiça”, ou seja, a morte de Jesus; Também significa “união” e “acordo” (Jo 10.30; 11.52; 17.11, 21,22; Rm 12.4,5; Fp 1.27); Simbolicamente, um único (um), para a exclusão dos outros (Mt 21.24; Rm 3.10; 1 Co 9.24; 1 Tm 2.5, duas vezes); “um só” (Mc 2.7 “senão”; Mc 10.18; Lc 18.19) e ainda, “um e o mesmo” (1 Co 3.8; 11.5; 12.11). Em Romanos 3.30, “Deus é um só”, ou seja, não há “um” Deus para os judeus e um para os gentios. Em Gálatas 3.20 significa que, numa promessa não há outra parte; Em 1 Jo 5.8, literalmente, “e os três são em “um”, ou seja, unidos em “um” e o mesmo testemunho.<sup>55</sup>

<sup>53</sup> BARTELS, K. H. **apaz** “um”. In.: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento**. Trad. Gordon Chown. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, V. 2. p. 2557.

<sup>54</sup> VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; JR. WHITE, William. **Dicionário Vine** – o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 1042.

<sup>55</sup> VINE, UNGER, JR, 2002, p. 1042.

O vocabulário Bíblico traz as seguintes informações para o uso desse numeral: “um” no sentido de único, unicidade, Deus é único e demonstra isso em toda a Escritura. Deus é “um” na história da salvação, onde o “um” representa papel principal.<sup>56</sup> Ao relacionar-se com Adão, Allmen acredita que a “sua queda determina o que está para vir”, ao passo que “uma vez por todas”, denota e determina o seu decreto. Allmen afirma ainda que, “não apenas os homens são pecadores porque Adão pecou, mas Adão pecou porque os homens são pecadores”, e deixa claro que, por causa do pecado de “um por todos”, virá o salvador Jesus Cristo, para salvar o pecador de “uma vez por todas”.<sup>57</sup> Coenen e Brown afirmam que pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foi abundante sobre muitos. O dom de Deus não se aplica pelo fato de “um” ter cometido pecado, mas a abundante graça e justiça de “um” Jesus Cristo, atinge a todos.<sup>58</sup> O vocabulário bíblico associa também, a unidade de todos os crentes, com a unicidade de Deus. Pela obra do Espírito Santo, todos os homens são “um” em Cristo, mas, se tornam “um” com Cristo (1 Co 5.17), “um” entre eles (Rm 12.5).<sup>59</sup> Ele ressalta que,

a unidade dos crentes entre si, a comunhão fraternal, longe de transformá-los em indivíduos idênticos, cópias de um tipo uniforme, efetua-se precisamente por meio de sua diversidade. Além disso, sua comunhão alcança pleno sentido no fato de serem diferentes. O corpo de Cristo é constituído de membros diferentes, e esta diferença não só não compromete a unidade como também a condiciona.<sup>60</sup>

Dessa forma, a unidade e a comunhão dos crentes, se dá justamente pelo fato de serem diferentes, “um”, por meio da diversidade, pois assim, são santificados e diferenciados na comunhão. Coenen e Brown atestam o pensamento de Paulo sobre a unidade da igreja: Paulo expressa este fato através da sua figura de um só – corpo, no qual os membros se vinculam e dependem uns dos outros, figura esta que os estóicos<sup>61</sup> também pregavam.<sup>62</sup>

<sup>56</sup> ALLMEN, J.J. Von. **Vocabulário Bíblico**. Trad. Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. p. 586.

<sup>57</sup> ALLMEN, 2001, p. 587.

<sup>58</sup> COENEN, BROWN, 2000. p. 2564.

<sup>59</sup> ALLMEN, 2001, p. 588.

<sup>60</sup> ALLMEN, 2001, p. 588.

<sup>61</sup> **ESTÓICO** é um seguidor do filósofo grego Zenon, que morreu em 265 a. C. Zenon ensinava que o mais alto objetivo do ser humano é viver de acordo com a sua razão e praticar a virtude. Esta consiste em dominar as paixões, em não sentir-se atraído pelo prazer e em não se deixar vencer pelo sofrimento. In.: KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri: SBB, 1999, p. 69.

<sup>62</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 2564.

Nesse segundo grupo de palavras, que também trazem em seu significado “um”, está: *ένότη*. O léxico do Novo Testamento Grego/Português, traz o seguinte significado para a palavra *ένότη*: “*unidade* Ef 4.3,13”.<sup>63</sup> Já para a palavra *εις* o léxico apresenta as seguintes descrições:

*μία*, *ἐν* gen. *Ενός*, *μιας*, *ενός* numeral *um* Mt 5.41; 19.5; Mc 8.14; At 21.7; Rm 5.12; 12.5. Para ênfase *um eo mesmo* Lc 12.52; Rm 3.30; 1 Co 12.11; *somente um, (um) solteiro* Mt 23.15; Mc 12.6; 10.21; Rm 3.10; 1 Tm 3.2, de quem é casado apenas uma vez; *sozinho* Mc 2.7. Equivalente ao indefinido *τις* *alguém, qualquer um* Mt 18.24; Lc 24.18; com *τις* *um certo (alguém), fulano* Mc 14.47; Jo 11.49; equivalente ao artigo indefinido *um, uma* Mt 8.19; Mc 12.42; Ap 8.13. Equivalente a *πρώτος* *primeiro* Mt 28.1; 1 Co 16.2; Tt 3.10. (ὁ) *εις...* (ὁ) *εις um... o outro* Mt 20.21; Jo 20.12; Gl 4.22. *εις τον ένα um ao outro* 1 Ts 5.11. *καθ' ένα um por um* 1 Co 14.31. *εις κατά εις* (o segundo *εις* é um nominativo indeclinado) *um após o outro* Mc 14.19; Jo 8.9. [*heno-*, prefixo, cf. *henoteísmo*].<sup>64</sup>

Portanto, esse numeral é usado para diversos significados, dentre eles, a diversidade dentro da unidade. Onde o “um” é variado em diferença, mas se completa quando está vinculado com os demais, formando assim uma comunhão perfeita.

### 2.1.2 Outro

O léxico do Novo Testamento Grego/Português, traz o seguinte significado para a palavra *allos*:

*άλλος*, *η*, *ο* *outro, diferente* Mt 13.5, 24; 1 Co 9.27; 15.41; *mais, adicional* Mt 4.21; 25.20. *oi (SIC) άλλοι o resto* 1 Co 14.29 (*os outros*). Ligado às palavras de seus próprios casos, como na formulação *άλλοι άλλο λέγουσιν alguns dizem uma coisa, outros dizem outra* At 19.32; 21.34. Contrário ao melhor uso clássico, d. invade o domínio de *έτερος* (q.v.) e significa *outro* de dois Mt 5.39; 12.13; é usado intercambiavelmente com *έτερος* 2 Co 11.4; e provavelmente também Gl 1.7, para o qual v. *Ετερος*. [Latim *alius*; *alias*].<sup>65</sup>

No original grego o termo *allos*, apresenta uma diferença numérica e significa “outro do mesmo tipo”. Jesus promete enviar “outro Consolador”, ou seja, outro *allos*, outro como/igual à Ele. O termo é facilmente confundido em diversas passagens com *heteros*, e esse é o motivo de tão cuidadosa observação. O termo *allos* significa “outro do mesmo tipo”, enquanto que *heteros* significa “outro de tipo diferente” e apresenta uma diferença qualitativa. O apóstolo Paulo faz uso de *heteros* em Rm 7.23, onde diz: ‘Vejo nos meus membros outra [heteros] lei’, uma lei diferente da lei do espírito de vida – não *allos*, uma lei do mesmo tipo.<sup>66</sup> Já em João 14.16 Jesus

<sup>63</sup> GRINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Trad. Júlio Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 74.

<sup>64</sup> GRINGRICH, DANKER, 1984, p. 65.

<sup>65</sup> GRINGRICH, DANKER, 1984, p. 17.

<sup>66</sup> VINE, UNGER, JR, 2002, p. 1042.2002, p. 839.

promete o Espírito Santo, ao afirmar que o Pai enviaria “outro” [allos], da mesma espécie e não [heteros]. As duas palavras parecem promover uma interação entre si, como por exemplo em 1 Co 1.16; 6.1; 12.8-10; 14.17,19, mas elas não são intercambiáveis, a diferença existe, embora pareça obscurecida. Vine, Unger e Jr, mostram que:

em 1 Co 15.39-41 os termos não são intercambiáveis. Aqui *heteros* é usado para distinguir a glória divina da terrestre, pois estas diferem em gênero, e *allos* para diferenciar a carne dos homens, pássaros e peixes, que em cada caso é carne que não difere em gênero, mas espécie. O termo *allos* é usado novamente para distinguir entre as glórias dos corpos celestes, pois estes também não diferem em tipo, mas só em grau.<sup>67</sup>

Coenen e Brown mostram importantes diferenças entre *allos* e *heteros*, apesar de apresentarem o mesmo significado, “outro”. *Heteros* era um pronome dual, e indica pares de indivíduos ou grupos, por isso *hoi heteroi* pode possuir o significado de “o outro grupo”. O termo *allos* é empregado cerca de cem vezes e *heteros* cerca de cento e cinquenta vezes na Septuaginta.<sup>68</sup> O Novo Testamento apresenta as seguintes distinções:

- as duas palavras se empregam para denotar ‘outra’ pessoa, coisa ou grupo; *allos* (Mt 5.39; 12.13; Jo 5.32); *heteros* (Lc 5.7; 23.40). Assim *te hetera* pode significar ‘no dia seguinte’ (At 20.15; 27.3); - o mesmo uso se acha no plural (Mt 20.3,6; Lc 10.2; Jo 7.12; 9.16; At 2.13); - nas numerações (Mt 13.5, 7-8; Lc 8.6 e segs) e nos contrastes (Hb 11.35-36) *heteros* e *allos* frequentemente se empregam como alternativas. Nas enumerações, *heteros* pode ficar sendo um número definido, e. g. em Lc 19.16, 18, 20, tem o efeito de ‘o terceiro’ (ARA ‘outro’); - empregado como substantivo, *ho heteros* tem o significado de meu ‘próximo’ que Deus colocou no meu caminho (1 Co 10.24; Rm 2.1; 13.8; Gl 6.4).<sup>69</sup>

Sendo assim, percebe-se que no grego original, a palavra “outro” tem dois significados diferentes: *allos* (outro do mesmo tipo) e *heteros* (outro de tipo diferente). No estudo do termo “uns aos outros” no livro de Romanos observa-se que é empregado o termo *allos* para descrever o relacionamento entre os cristãos.

## 2.2 Uns aos outros- a partir do original grego αλληλων

O termo αλληλων (Allelon) é a tradução de várias palavras e frases e pode ser encontrada em diversas passagens do Novo Testamento. Allelon só é encontrado na forma plural, é um pronome recíproco no plural genitivo que tem por significado “de uns aos outros”. Compartilha

<sup>67</sup> VINE, UNGER, JR, 2002, p. 839

<sup>68</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 1476.

<sup>69</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 1476.

da raiz comum de *ollos*, “*outro*”, e pode ser achado em várias passagens do Novo Testamento.<sup>70</sup> No modo acusativo, ou seja, quando “um substantivo indica a pessoa ou coisa que diretamente sofre a ação do verbo”<sup>71</sup> aparece como: *allelous* e significa “um ao outro, um com o outro”, como exemplificado em passagens como, At 7.26; Ef 4.32; Cl 3.13; 1 Ts 5.1; 2 Ts 1.3.<sup>72</sup> No modo acusativo, o pronome recíproco vem acompanhado de uma preposição e nesse caso o significado da preposição deve ser levado em conta na hora de traduzir, Ex.: euōxesqe u( (para) I h/lwn...((( “orai uns pelos outros...” (Tg5.16).<sup>73</sup> Rega e Bergmann afirmam que o pronome recíproco no acusativo, pode ser traduzido por uns aos outros ou entre si, quando precedido pela preposição pról((prós)<sup>74</sup>, Ex.: oi( poime/nej e)la/loun pro\J a) I h/loouJ.(/. (Lc 25) os pastores disseram uns aos outros (NVI, ARA); os pastores disseram entre si... (BJ); Ex.: kai\ diologi/zonto pr\oj a)llh/louJ... (Mc 8.16) e discutiam entre si <sup>75</sup>

No modo dativo, “o substantivo expressa interesse pessoal, indicando que a pessoa ou coisa em quem recai o proveito ou o dano de uma ação, traduzida no português pelas preposições a ou para”<sup>76</sup>, nesse caso, aparece o *allelois* e significa “um ao outro”, como em Lc 7.32, “São como crianças que ficam sentadas na praça e gritam umas às outras”.<sup>77</sup> Em Hb 10.25, o termo “uns aos outros” foi acrescentado em português para tornar completo o sentido das palavras: exortar, admoestar, do original grego *parakaleō*. De outra forma em Mc 9.10, o termo *pros heautous*, “entre vocês mesmos”, é expresso por “uns aos outros”, segundo Vine, Unger e Jr.<sup>78</sup> De acordo com Rega e Bergmann, o termo *allelon*, aparece aproximadamente cem vezes no Novo Testamento, é um pronome recíproco e significa uns aos outros, mutuamente.<sup>79</sup> A função desse pronome recíproco é indicar uma relação de harmonia, sintonia entre os sujeitos de uma oração.<sup>80</sup>

<sup>70</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 1042.

<sup>71</sup> REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico: gramática fundamental**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 70.

<sup>72</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 1042.

<sup>73</sup> REGA, BERGMANN, 2014, p. 240.

<sup>74</sup> REGA, BERGMANN, 2014, p. 240.

<sup>75</sup> REGA, BERGMANN, 2014, p. 240.

<sup>76</sup> REGA, BERGMANN, 2014, p. 69.

<sup>77</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 1042.

<sup>78</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 1042.

<sup>79</sup> REGA, BERGMANN, 2014, p. 387.

<sup>80</sup> REGA, BERGMANN, 2014, p. 240.

## 2.3 Uns aos outros e seus usos comuns

### 2.3.1 Amar Uns aos Outros (Rm 12.10)

O amor é um conceito expresso de várias formas e de diversas maneiras. Vários autores, filósofos e personalidades ao longo da história tentaram definir esse conceito, porém, independente de quantas vezes a palavra tenha sido usada, o verdadeiro teste em se tratando de amor, não é de meros conhecimentos, e sim de prática.<sup>81</sup> Erickson ressalta que o amor é um dos atributos de Deus, ele engloba a preocupação e a ação na busca da realização de outra pessoa.<sup>82</sup> A intenção da Palavra de Deus é mostrar que Deus se preocupa com as relações interpessoais. Tanto o relacionamento entre Deus e o homem e o relacionamento homem a homem é destacado em toda a Bíblia. Esse relacionamento de amor também pode ser visto na Trindade, como em Jo 14.24, onde Jesus afirma que o Pai sempre o amou, mesmo antes da criação ser formada.<sup>83</sup> Bauer apresenta uma definição para a palavra amor.

Amor é a tradução do termo hebraico ‘*ahabâh*, e o verbo ‘*ahab* é amar. Enquanto que o menos usado *haphêç* = “amar” no sentido de “gostar” (Sl 51.6) ou *raham* = “amar intimamente, querer –bem” (de Deus: “compadecer-se”, Êx 33.19, ou do amor a Deus, Sl 18.1) têm um sentido mais estreito; ‘*âhab* pode significar: o amor natural de um pai a seu filho (Gn 22.2), dos esposos entre si (Gn 24.67), o amor de amizade (1 Sm 18.1-3), também a adesão do servo a seu patrão (Êx 21.5), e até o amor-paixão sexual (2 Sm 13.1. 4.15); mas também o amor ao próximo por motivos religiosos (Lev 19.18), o amor ao estrangeiro (Lev 19.34) e, sobretudo, o amor para com Deus (pela primeira vez em Êx 20.6: Eloísta); finalmente, o amor que Deus tem aos homens, sobretudo ao povo de Israel, é designado por ‘*ahad* (Dt 4.37).<sup>84</sup>

O dicionário Vine traz a palavra *Ahad* ou *ahab* de duas formas: verbo ou substantivo, e ‘*âhab*, quando encontrada na forma de particípio. Na forma de verbo tem o significado de amar, gostar. Essa palavra aparece em vários períodos do hebraico e é encontrada aproximadamente 250 vezes na Bíblia.<sup>85</sup> A palavra faz referência ao amor entre um homem e uma mulher pelo desejo sexual, também é usado para descrever o amor entre pais e filhos, mas, em outros casos também refere-se ao afeto de um escravo pelo seu senhor. Independente dos casos em que a palavra for

<sup>81</sup> MÜLLER, Harry. **Relacionamentos em ação**. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Evangélica Esperança, 2000, p. 81.

<sup>82</sup> ERICKSON, Millard J. **Conciso dicionário de Teologia Cristã**. Trad. Darci Dusilek e Arsênio Novaes Netto. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, p. 12.

<sup>83</sup> TOWNSEND, John.; CLOUD, Henry. **Relacionamentos saudáveis**: como desenvolver bons relacionamentos e evitar os ruins. Trad. Denise Avalone. São Paulo: Vida, 2003, p. 223.

<sup>84</sup> BAUER, Johannes. **Dicionário de teologia bíblica**. Trad. Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1979, Vol. I, p. 37.

<sup>85</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 38.

sugerida, ela poderá ser usada para objetos, circunstâncias e relações.<sup>86</sup> Quando usada como substantivo a palavra é *ahabāh*. A palavra aparece cerca de 55 vezes na Bíblia. E tem vários significados. Pode ser usada para descrever o amor entre homem e mulher, para uma atividade sexual, para ‘amor’ entre amigos e ainda para falar do ‘amor’ de Deus. No particípio significa amigo como em Pv. 14.20.<sup>87</sup>

No NT tem-se a revelação da palavra amor, na encarnação e sacrifício de Jesus. A partir desse sacrifício, as compreensões das diversas formas de amor se tornam completas em sentido e propósito. No NT não há uso negativo do substantivo ágape, ele é usado sempre no sentido de,

*He ágape tou theou*, ‘o amor de Deus’, ou no gen. subjetivo (i. é, o amor de Deus para com os homens) ou no gen. objetivo (i. é, o amor dos homens por Deus), ou com referência ao amor divino por outras pessoas, que a presença de Deus evoca.<sup>88</sup>

Erickson define o amor como uma “forma sublime que procura o bem-estar dos outros (agape)”.<sup>89</sup> O dicionário Internacional de teologia traz as seguintes descrições para a palavra amor a partir do original grego:

a\gapa/w(*agapaō*), “amar”; a\ga/ph (*ágape*), “amor”; a\gaphtoJ(*agapetos*), “amado”, “querido”; e\ra/w(*eraō*), “amor com paixão”, “desejar”, “ansiar por”; eōrwJ(*erōs*), “amor apaixonado”; filo/storgoJ(*philostorgos*), “ternamente amoroso”, “afetuoso”; aōstorgoJ(*astorgos*), “sem afeição natural”.<sup>90</sup>

A palavra amor possui diversos significados, porém, deve-se entendê-la como uma palavra cuja raiz nasce a partir da vida em comunidade. Tanto o AT como o NT empregam essa palavra e dentre suas diversas definições está a aceitação do irmão pelo amor, com o objetivo de levá-lo a experimentar a perfeição da existência, como exemplificado em Lv. 19.18.<sup>91</sup>

Bauer afirma que o “Deus do NT é o ‘Deus de amor’”.<sup>92</sup> O apóstolo Paulo é um dos personagens que mais usa a palavra amor, para ele,

o amor é a mais importante de todas as graças cristãs e a verdadeira essência da ética cristã. Motivado pela expressão suprema do amor de Deus na morte sacrificial de Cristo, o amor se origina de uma vida transformada cheia do

<sup>86</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 38.

<sup>87</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 39.

<sup>88</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 117.

<sup>89</sup> ERICKSON, 1991, p. 12.

<sup>90</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 113.

<sup>91</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 114.

<sup>92</sup> BAUER, 1979, p. 48.

Espírito de Deus. Nos escritos paulinos, o centro primordial do amor é expressão tangível na comunidade cristã.<sup>93</sup>

O amor é tão importante para Paulo que, não existe nenhuma de suas cartas, que essa palavra não esteja destacada como parte essencial no desenvolvimento da vida e no modo de viver cristão. O amor ao próximo está diretamente relacionado com o amor a Deus. Bauer ressalta que,

o próximo no NT não é meramente o homem da mesma tribo e do mesmo povo, mas também o estranho e até mesmo o pecador (2 Co 2.8), bem como o inimigo pessoal ou nacional, em outras palavras: todo aquele que a Providência de Deus colocou ‘próximo’ a mim, para que eu sirva, ou ele me sirva, em amor, como Jesus explicou.<sup>94</sup>

O apóstolo Paulo deixa claro que, o amor ao próximo mesmo se tratando dos inimigos, é para ele a essência do amor de Deus. Essa ligação de amor com o próximo, mesmo em situações adversas deve ser demonstrada através de atitudes tais como: paciência, perdão. Da mesma forma o envolvimento entre os crentes, os da família da fé, deve ser abundantemente enfatizado, pois “como ‘irmãos’, se devem mutuamente (allhlouJ) amar”.<sup>95</sup> Independentemente de quem seja o próximo, o amor deve ser motivado pelo amor a Deus, dessa forma a unidade dos cristãos, resultará em doação e entrega de vida. O viver em comunidade só faz sentido se o amor ágape for colocado em prática em forma de serviço e sacrifício, buscando os interesses dos outros, em primeiro lugar. O amor ágape é um amor que deve ser desenvolvido em comunidade na medida em que o ser humano experimenta a virtude do verdadeiro amor pelos irmãos,

este amor não depende das vantagens dos que amam ou são amados, coisa sempre relativa e instável, nem de suas inclinações ou humores, mas é inabalavelmente “fiel” e, por isso, é insuperável. Ela consiste em uma união de ser pneumática (enothJ pneumatoJ- Ef. 4.2ss.; ver 1 Co 6.17), que se realiza sobretudo na Igreja como o “Corpo de Cristo” (Rom 12.4-13; Ef 4.4; Col 3.14s, etc.).<sup>96</sup>

O amor deve ser o elo de ligação dos relacionamentos, por intermédio dele, todos os membros do corpo funcionam saudavelmente e em comum acordo. John Stott afirma que o amor possui alguns ingredientes, como a: “sinceridade, discernimento, afeição, honra, entusiasmo,

<sup>93</sup> HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph F.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008, p. 66.

<sup>94</sup> BAUER, 1979, p. 50.

<sup>95</sup> BAUER, 1979, p. 51.

<sup>96</sup> BAUER, 1979, p. 56.

paciência, generosidade, hospitalidade, boa vontade, simpatia, harmonia e humildade”<sup>97</sup>. Esse conjunto de adjetivos também é usado pelo apóstolo Paulo, para imprimir nos membros do corpo de Cristo, um modelo de relacionamento de amor, no plano horizontal que esteja intimamente ligado com o relacionamento com Deus, no plano vertical. Para Lopes o amor é o combustível do corpo espiritual, pois permite que todos os membros funcionem de modo benéfico e de comum acordo.<sup>98</sup>

### 2.3.2 Membros Uns dos Outros (Rm12.5)

O dicionário Almeida entende como membro, qualquer parte que componha o corpo, ou ainda alguém que faz parte de um grupo, ou pertença ao corpo de Cristo.<sup>99</sup> Lopes ressalta que, os membros não têm a intenção de competir entre si, antes, cuidam e servem uns aos outros. O dicionário Vine apresenta a palavra membro do original grego *me/loJ*, ‘membro do corpo’, é usado literalmente em diversas passagens do NT, na passagem de Rm 12.5, além da unidade e conformidade do trabalho em conjunto, existe um interesse na diversidade, pois a coesão não se dá apenas pelo sistema organizacional, mas pela união que Cristo proporciona.<sup>100</sup>

Lopes destaca ainda que cada membro é substancialmente importante para o bom desenvolvimento do corpo, pois todos os membros possuem funções específicas, tanto na individualidade, como na coletividade. Na parte individual, cada membro possui suas próprias atribuições, mas, no âmbito coletivo cada membro deve trabalhar para o crescimento e edificação do corpo.<sup>101</sup> Barth afirma que,

a congregação é comunidade e comunidade é unidade; é a unidade dos homens [entre si] e deles, no insondável Deus, que é Senhor sobre a vida e a morte. Quando isto acontecer- quando os homens forem “um” como Cristo em Deus Pai, e Deus em Cristo, - [João 17,11-21], então para cada pessoa, em sua individualidade, já não haverá mais lugar para o titanismo- [para a vaidade, para a jactância...].<sup>102</sup>

Essa unidade proposta pelo apóstolo Paulo em Romanos, tem o objetivo de alcançar os cristãos, na medida em que são capazes de entender que são o corpo de Cristo, que fazem parte dele, pois são os membros, com funções pré-estabelecidas, que embora se diferenciem entre si e possuam funções variadas, cada membro se faz necessário, porque juntos formam o corpo, e

<sup>97</sup> LOPES, 2010, p. 408- 410.

<sup>98</sup> LOPES, 2010, p. 408.

<sup>99</sup> KASCHEL, ZIMMER, 1999, p. 111.

<sup>100</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 781-782.

<sup>101</sup> LOPES, 2010, p. 404.

<sup>102</sup> BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. Trad. Lindolfo Anders. São Paulo: Novo século, 1999, p. 686.

essa união tem um único propósito, dar graças a Deus, por tudo que Deus havia feito.<sup>103</sup> Getz declara que,

assim como na composição dos seres humanos “há muitos membros num só corpo”, o que capacita cada um a atuar como unidade física, também o Corpo de Cristo, a Igreja, é feito de muitos membros individuais. E cada membro é importante. Nenhum membro do Corpo de Cristo pode dizer: ‘não preciso de você’.<sup>104</sup>

Dessa forma a providência de Deus uniu o corpo para que ele pudesse servir uns aos outros e edificar a igreja. Para Murray

o interesse do apóstolo agora se voltava para a necessidade de pôr em execução na comunidade de crentes, aquilo que é exemplificado no corpo humano, ou seja, que, embora haja muitos membros, não realizam todos eles a mesma função. O pensamento central de toda essa passagem – a diversidade de dons e ofícios exercidos de conformidade com a medida da fé, na harmonia da estima mútua e da reconhecida interdependência- determinou o modo de expressão. E nesse caso, não há necessidade de ser dito mais do que “um só corpo de Cristo”.<sup>105</sup>

Além dos membros pertencerem ao mesmo corpo, havia necessidade de um profundo entendimento de que faziam parte uns dos outros, em um tipo de comunidade que compartilha dos mesmos dons, que compartilha a unidade na diversidade.<sup>106</sup> Paulo enfatiza com veemência a unidade do corpo de maneira proposital, pois acredita que a diversidade dos membros e suas diferentes funções constituem a essência do corpo de Cristo, ou seja, os membros pertencem um ao outro, de maneira que se completam.

### 2.3.3 A mesma atitude de Uns para com os Outros (Rm 12.16)

O apóstolo Paulo usa várias vezes essa expressão ao longo de suas diferentes cartas (Rm 15.5; 2 Co 13.11; Fl 2.2; 4.2; 3.16). É necessário que os crentes de Roma também recebam essa exortação, pois Paulo queria que houvesse um despertamento nas relações com aqueles que não pertenciam a comunidade. Sua orientação é com relação a harmonia das ideias, mas, para isso, eles precisavam abrir mão de suas próprias opiniões e sacrificar suas razões.<sup>107</sup> Paulo quer mostrar a virtude do corpo se acha nas relações com aqueles que não fazem parte de maneira

<sup>103</sup> CRANFIELD, C.E.B. **Comentário de Romanos**- versículo por versículo. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 274.

<sup>104</sup> GETZ, Gene A. **Um por todos, todos por um**. Trad. Ana Vitória Esteves de Souza. Brasília: Palavra, 2006, p. 17.

<sup>105</sup> MURRAY, 2003, p. 483.

<sup>106</sup> MURRAY, 2003, p. 483.

<sup>107</sup> LEENHARDT, F. J. **Epístola aos Romanos**- comentário exegético. Trad. Waldyr Carvalho Cruz. São Paulo: ASTE, 1969, p. 320.

natural, e nessa categoria encontram-se os inimigos. Os crentes deviam mostrar uma inclinação para com aqueles que eram contrários às suas ideias e procurar a paz com os seus perseguidores, fazendo uso da bondade e humildade.<sup>108</sup> Conforme Murray,

Paulo falava sobre a harmonia que terá referência mais ampla do que a mera simpatia contemplada no versículo anterior. Há certa diferença entre possuir o ‘mesmo sentir de uns para com os outros’ (Rm 15.5) e o ter ‘o mesmo sentimento uns para com os outros’. Esta última cláusula indica a ideia que cada indivíduo deve entreter no tocante aos outros, exigindo que haja concórdia neste intercâmbio mútuo de pensamentos [...]. Que nenhum sentimento discordante seja mantido nestas relações recíprocas.<sup>109</sup>

O convite de Paulo era para um convívio em harmonia, pois tinha conhecimento das diferenças de opiniões. Todavia, essa harmonia só seria possível se a essência do cristão estivesse consolidada no amor ágape, amor, esse demonstrado de maneira prática através dos relacionamentos. Stott vai até o original e acrescenta que no grego, “a frase diz literalmente: ‘Pensem a mesma coisa um em relação ao outro’, ou seja, ‘sede unânimes entre vós’”.<sup>110</sup> Ter a mesma atitude significa ter a mesma fé e a mesma obediência em Jesus Cristo, na medida em que as mentes já foram transformadas, agora há uma mudança radical no modo de pensar, de agir resultando num igual tratamento aos de fora.

### 2.3.4 Julgar Uns aos Outros (Rm 14.13)

A palavra julgar é um verbo, deriva do original grego *kri/nw* e tem o significado de “separar, selecionar, escolher”; por conseguinte, “determinar”, e assim, “julgar, pronunciar julgamento”.<sup>111</sup> Para Almeida julgar é: “decidir como juiz, dando sentença de condenação ou de absolvição (Êx 18.13; Dt 1.16); castigar (Sl 110.6); censurar; condenar (Mt 7.1; Jo 12.47; Rm 14.3); salvar; defender (Sl 35.24); supor; imaginar; pensar (Lc 7.43; At 8.20, RA)”.<sup>112</sup> O dicionário Internacional de teologia apresenta *kri/nw* como,

termo técnico jurídico, significa “julgar”, “levar a juízo” ou “condenar”. O julgamento, *krima*, pode ser divino ou humano, e os juízes, *ketai*, detentores de cargos oficiais ou pessoas não autorizadas. A autoridade divina judicial é tal que, de modo geral, o julgamento e o seu efeito são considerados um só, de tal modo de *krima* significa não somente “julgamento” como também “condenação”, “reprovação” e “castigo”.<sup>113</sup>

<sup>108</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 562.

<sup>109</sup> MURRAY, 2003, p. 499.

<sup>110</sup> STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Trad. Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2000, p. 403.

<sup>111</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 730.

<sup>112</sup> KASCHEL, ZIMMER, 1999, p. 99.

<sup>113</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 1101.

O apóstolo Paulo traz à tona um problema de difícil solução nesse contexto, o relacionamento entre os irmãos na fé, eles estavam em desacordo na forma de pensar em algumas questões espirituais, e Paulo os classifica como os fortes e os fracos na fé.<sup>114</sup> Aqueles considerados por Paulo como os crentes fracos estavam em pecado pois, estavam julgando. O problema dos crentes fortes era o desprezo. Nenhuma das categorias estava de acordo com o viver em comunidade. Os crentes de Roma estavam exercendo julgamento e condenação de uns para com os outros, quando a proposta de Paulo era de viver de forma amigável no ambiente cristão.<sup>115</sup> Murray explica que,

“*kri/nw*” é usado no sentido de juízo censurador [...]. Visto que o juízo censurador era o erro dos crentes fracos (cf. vv. 3,4,10), poder-se-ia imaginar que esta exortação lhes foi dirigida. Neste caso, a parte final do versículo 13 precisaria ser aplicada aos crentes fracos e interpretada com o sentido de que poderiam colocar uma pedra de tropeço no caminho dos fortes.<sup>116</sup>

A LXX<sup>117</sup> traz uma ressalva importante, ao afirmar que *kri/nw* é uma tradução das palavras hebraica *dîn*, dessa forma, *krino*, adquiriu um significado que ultrapassa o seu uso no grego. Pois, a palavra hebraica *dîn*, não significa somente “julgar”, mas, seu significado vai além, dá a ideia de aplicar uma conclusão para o julgamento, aplicar uma punição, “obtendo justiça” para uma pessoa.<sup>118</sup> Em virtude disso a exortação de Paulo é para que haja um fim no julgamento dentro da igreja, os cristãos deveriam parar de ser um tropeço e passar a amar uns aos outros. Pohl destaca que,

Na igreja de Roma havia sido criado um tribunal invisível. Ameaçava- a uma atmosfera que tornava gélido o louvor conjunto e unânime a Deus nos termos de Rm 15.6,9,11. Por isso Paulo exigiu logo na primeira frase (Rm 14.1) que fosse suspensa toda essa maneira estranha ao ser igreja. Novamente não abre mão dessa reivindicação (v. 13<sup>a</sup>,b,15,16,20). Enquanto havia feito brilhar para esse fim, o senhorio de Cristo, ele agora traz à esperança especialmente o irmão resgatado por alto valor.<sup>119</sup>

<sup>114</sup> LOPES, 2010, p. 443.

<sup>115</sup> LOPES, 2010, p. 445.

<sup>116</sup> MURRAY, 2003, p. 548.

<sup>117</sup> **SEPTUAGINTA (LXX)** Versão do AT para o grego, feita entre 285 e 150 a.C. em Alexandria, no Egito, para os muitos judeus que ali moravam e que não conheciam o hebraico. O nome “Septuaginta” vem, segundo a lenda, dos setenta ou setenta e dois tradutores que a produziram. A Bíblia de Jesus e dos seus discípulos foi a Bíblia Hebraica, mas a LXX foi a Bíblia de Paulo e das igrejas da DISPERSÃO. A maioria das citações do AT no NT é tirada da LXX. Os livros APÓCRIFOS faziam parte do cânon da LXX. In.: KASCHEL, ZIMMER, 1999, p. 146-147.

<sup>118</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 1101.

<sup>119</sup> POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**- Comentário Esperança. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Evangélica Esperança, 1999, p. 227.

O apelo de Paulo era para que os cristãos não tentassem fazer algo que era aplicado somente a Deus, o julgamento. Esse exercício deliberado de julgar uns aos outros não andava em consonância com o amor, pois, nem fortes nem fracos se encontram em tais condições. O apelo de Paulo é destacado neste caso, como o que não pode existir no âmbito do uns aos outros.

### 2.3.5 Edificar Uns aos Outros (Rm 14.19)

O termo é derivado do hebraico *bânâh*, e do grego *oikodomein*.<sup>120</sup> Na forma de substantivo *oikodomh/* significa:

“o ato de construir” (formado de *oikos*, “casa”, e “*demo*, “construir”). É usado só figurativamente no Novo Testamento, no sentido de edificação, a promoção de crescimento espiritual – literalmente, “as coisas da edificação” (por exemplo, Rm 14.19; 15.2; 1 Co 14.3,5,12,26); “edifício, construção”, quer material (por exemplo, Mt 24.1), quer figurativo, acerca do futuro corpo dos crentes (2 Co 5.1), ou de uma igreja local (1 Co 3.9), ou da Igreja inteira, “o Corpo de Cristo” (Ef 2.21).<sup>121</sup>

Bruce acredita que "edificar o outro" é construir em si mesmo uma personalidade cristã que seja firme e constante, e dessa forma o ato de edificar o outro, consolida a união da comunidade.<sup>122</sup> Para Paulo o amor entre os irmãos gera a paz a não o conflito, independente que qual lado estivesse com a razão, por isso, ele profere palavras de exortação que direciona para a responsabilidade de cada indivíduo na comunhão da igreja. Para tanto, Leenhardt fala que:

promover a paz, que é a ordem das coisas tal como Deus o quer, tal como Deus dá a Seu povo realiza -la; tal é a condição normal das relações na Igreja, aquela que favorece o desenvolvimento da vida, o crescimento de cada individualidade em Cristo para a edificação de todo o corpo de Cristo. Cada pessoa é responsável pela edificação de todos e todos são responsáveis pela edificação de cada um.<sup>123</sup>

A edificação mútua é o resultado da exortação de Paulo, pois apresenta a igreja como um edifício, bem fundamentado, unido e em constante construção, que tem como base, o amor e o serviço.<sup>124</sup> O apelo de Paulo é para que os irmãos sejam promotores da verdadeira paz, fundamentada e estabelecida por Deus, por intermédio de Jesus Cristo. No pensamento de Paulo a edificação é uma via de mão dupla, pois,

<sup>120</sup> BAUER, 1979, p. 316.

<sup>121</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 582.

<sup>122</sup> BRUCE, F.F. **Romanos** - introdução e comentário. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo; Vida Nova, 2002, p. 119.

<sup>123</sup> LEENHARDT, 1969, p. 361.

<sup>124</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 613- 614.

o próprio Deus, os seus apóstolos e outros ministros, como também todos os membros da igreja, estão empenhados na edificação não só da igreja como tal, mas também na edificação, na fé e na obediência de cada membro distinto. É verdade que tanto a edificação da igreja como a edificação dos membros individuais são dois aspectos do mesmo processo; o processo, no entanto, dificilmente será entendido na sua verdadeira totalidade, se um ou outro aspecto tiver a atenção concentrada sobre ele de forma tal que o outro fique esquecido. Que enquanto edificar é atividade humana, não se pretende apenas que o seja numa só direção.<sup>125</sup>

A partir desse pensamento a igreja seria capaz de promover o crescimento e o amadurecimento na fé, onde os mais fracos aprenderiam com os mais fortes, e os mais fortes deveriam amar os mais fracos. O resultado é o partilhar de maturidade, desenvolvimento constante e paz.<sup>126</sup> Ao incitar a edificação de uns aos outros, Paulo abre o leque para novas possibilidades, onde todos são responsáveis pelo crescimento e edificação do corpo, com a finalidade de chegar a unidade da fé. Aqui todos são valorizados, pois na medida em que operam em conjunto, desenvolvem uma direção para à mutualidade.

### 2.3.6 Aceitar, Acolher Uns aos Outros (Rm 15.7)

Para que a unidade da fé seja atingida, é necessário que, tanto judeus quanto gentios estejam com o mesmo pensamento, pois, a unidade da igreja é essencial para que Deus seja glorificado. Pohl observa que,

esse trecho retoma mais uma vez a exortação que estava sendo tratada desde Rm 14.1, elevando-a, porém, a um nível diferente. Não se pensa mais em termos individuais como até aqui (o irmão, suas opiniões, sua aceitação, seu vínculo pessoal com o Senhor, sua consciência, seu tropeço etc.), mas em termos de grupo.<sup>127</sup>

O apóstolo Paulo dá prosseguimento ao seu discurso de Rm 14, porém, com uma ênfase ainda maior, ele quer lembrá-los de que o objetivo é a glorificação de Deus. Ao glorificar a Deus, eles estariam glorificando a igreja e os irmãos. Segundo o dicionário de Paulo,

a glorificação da igreja acontece especificamente quando os fiéis são “conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29), [...] Participar da “comunhão com seus sofrimentos” é a maneira como os fiéis experimentam “o poder de sua ressurreição” (Fl 3.10; cf. 2 Co 1.5); para os que aspiram a ser glorificados com Cristo, a condição é, por enquanto, participar “dos seus sofrimentos” (Rm 8.17).<sup>128</sup>

<sup>125</sup> CRANFIELD, 2005, p. 313.

<sup>126</sup> WIERSBE, 2006, p. 733.

<sup>127</sup> POHL, 1999, p. 235.

<sup>128</sup> HAWTHORNE, MARTIN, REID, 2008, p. 601.

O presente versículo é para Paulo o de maior importância, pois, ele retrata a conclusão que o apóstolo queria dar desde Rm 14. 1 até 15.6. O apelo do apóstolo é resumido nesse versículo com palavras no modo imperativo. O verbo acolhei,

é o imperativo fundamental desta passagem. É a igreja como um todo interpelada (é usada a segunda pessoa do plural e não se insere nenhum vocativo particularizador), e a implicação é que a comunidade cristã em Roma, em conjunto, é forte e que os fracos são minoria - muito provavelmente minoria razoavelmente pequena. Eles devem aceitar os fracos na fé, acolhê-los na sua amizade, reconhecendo-os francamente e sem reservas como irmãos em Cristo.<sup>129</sup>

Para Paulo da mesma forma como Cristo os havia aceitado, cada um deveria ter a mesma atitude. Judeus e gentios deveriam aprenderem a viver o uns aos outros no seu cotidiano, de maneira que seriam capazes de se aceitarem mutuamente e dessa forma passariam a glorificar a Deus, essa unidade dos filhos de Deus só seria possível se judeus e gentios aprendessem a praticar a confiança e o amor.<sup>130</sup> A comunhão da igreja é fundamentada no ato de redenção de Cristo, através da cruz. Essa decisão de Cristo de receber a todos os indivíduos, deveria ser o exemplo para cada crente, e para isso não deveria haver limitações ou imposições à aceitação. Pois, “o recebimento de todos por parte de Cristo é o alicerce sobre o qual deve haver comunhão irrestrita”.<sup>131</sup> Esse deveria ser o modelo e a motivação, pois o culto que agrada e glorifica a Deus é aquele que une propósito e ação.

### **2.3.7 Aconselhar Uns aos Outros (Rm 15.14)**

O apóstolo Paulo depois de falar para uma igreja que ele não havia fundado, de expor suas ideias de maneira enfática através de exortações imperativas, ele volta ao assunto que dá início a carta de Romanos, ao citar seus projetos de ir até Roma, sua missão e o compartilhar dos irmãos através da comunhão.<sup>132</sup> O apóstolo está terminando a sua Epístola e agora é capaz de fazer elogios, alegando que são cheios de bondade e de conhecimento e capazes de aconselhar uns aos outros, deixando claro que tem um “elevado conceito da igreja”.<sup>133</sup> Aconselhar é um verbo que tem origem no hebraico- *yã’as* e significa: ‘avisar, consultar, dar bom conselho’, ocorre cerca de 80 vezes em todo o AT.<sup>134</sup> Hendriksen declara que

<sup>129</sup> CRANFIELD, 2005, p. 306.

<sup>130</sup> LEENHARDT, 1969, p. 372.

<sup>131</sup> MUURAY, 2003, p. 565.

<sup>132</sup> LOPES, 2010, p. 467.

<sup>133</sup> LOPES, 2010, p. 468.

<sup>134</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 29-30.

o termo ‘aconselhamento’ é ouvido repetidas vezes. Nunca tantos livros e artigos foram escritos sobre o assunto. Ora, o apóstolo, aqui revela que também nesse aspecto ‘não há coisa alguma nova debaixo do sol’. Havia aconselhamento mútuo já em seus dias, e era de um caráter muito elevado. Como um todo os membros da igreja romana eram ‘*competentes* para admoestar-se reciprocamente’.<sup>135</sup>

O apóstolo Paulo ao admitir que os cristãos de Roma formam um grupo capaz de agir e viver em comunhão, deixa claro seu apreço, cordialidade, justamente porque sabia das “correntes judaizantes que existiam dentro, mas também fora, da igreja de Roma”.<sup>136</sup> Por isso, o apóstolo esclarece que eles seriam capazes de prestar auxílio sem as orientações de Paulo ou de qualquer outra pessoa, pois eram dotados de bondade e conhecimento. A união dessas duas forças faz do cristão alguém apto a aconselhar e admoestar alguém. Lopes enriquece o termo, indo até o original grego, onde “a palavra grega *nouthesia*, “admoestação”, é um apelo à mente na qual está presente uma oposição. A pessoa é tirada de um falso caminho mediante admoestação, ensino, lembrança e encorajamento; e sua conduta é então corrigida”.<sup>137</sup> O autor cita Calvino ao destacar que,

aqueles que admoestam devem possuir duas graças especiais: humildade e prudência. Os que se sentem chamados a exortar e ao mesmo tempo desejam ajudar os irmãos com seu conselho devem manifestá-lo tanto pela doçura no rosto como no modo gentil de falar, pois não há coisa pior para a exortação fraternal que a malevolência e a soberba.<sup>138</sup>

Essa exortação final exprime com todo o cuidado possível, aquilo que o apóstolo acredita que seria possível, abrir mão do passado e avançar na fé, pois para ele a “comunidade não está gravemente ameaçada, como o há demonstrado o fato de que, em nenhum lugar, foram as exortações precedentes marcadas de severidade”.<sup>139</sup>

### 2.3.8 Saudar Uns aos Outros (Rm 16.16)

As diversas igrejas já mencionadas em outras cartas de Paulo, comprovam que elas já haviam difundido o costume de saudar uns aos outros com o “ósculo santo”. Conforme Leenhardt, “supõe-se que a epístola era lida no curso da celebração da Eucaristia, sendo o ósculo santo dado ao final da leitura. Este ato litúrgico expressava a fraternidade que une todos os crentes em Cristo”.<sup>140</sup> Os autores Vine, Unger e White, definem saudar a partir do grego:

<sup>135</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 638.

<sup>136</sup> POHL, 1999, p. 240.

<sup>137</sup> LOPES, 2010, p. 469.

<sup>138</sup> CALVINO, João. **Romanos** - comentários bíblicos João Calvino. São José dos Campos: Fiel, 2003, p. 373.

<sup>139</sup> LEENHARDT, 1969, p. 374.

<sup>140</sup> LEENHARDT, 1969, p. 392.

*Aspazomai (aspa/zomai)* significa “cumprimentar, dar as boas-vindas”, ou “saudar”. Em At 25.13, o significado é virtualmente “fazer uma visita de cortesia”. Em At 20.1, é traduzido por “abraçando-os”, ou, como Ramsay traduz: “despedindo-se deles”; em Hb 11.13, acerca de dar as boas-vindas às promessas: “abraçando-as”. O verbo é usado como termo técnico para dar “saudações” no encerramento de uma carta, frequentemente por um amanuense.<sup>141</sup>

Pohl destaca que Paulo “desafia os fiéis de procedência diversa para um sinal de comunhão intencional: **Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo**, ou seja, com o beijo praticado no culto a Deus”.<sup>142</sup> Stott afirma que após as saudações individuais dadas por Paulo, o apóstolo deixa uma recomendação que todos deviam praticar. Stott salienta que “embora apenas alguns deles tenham sido saudados pelo nome, *todos eles* devem *saudar uns aos outros com beijo santo*”.<sup>143</sup> O autor complementa dizendo que esta recomendação era defendida com insistência tanto por Paulo como por Pedro e que os Pais da Igreja, continuaram com esta tradição, sendo que Tertuliano chamou o ósculo santo de “o beijo da paz”.<sup>144</sup>

A saudação com o ósculo santo, não era uma imposição do apóstolo, mas sim, uma exortação, para que houvesse uma diferenciação entre as amizades profanas, o beijo deveria ser praticado para demonstrar que havia relacionamento entre os membros da comunidade cristã, e através dele o amor de Deus estaria sendo colocado em prática. Murray atesta que “o beijo é por si só um sinal de amor”<sup>145</sup>, era costume as pessoas saudarem-se de maneira amigável com um beijo, por isso, o apóstolo

Paulo caracterizou tal ósculo como “santo”, distinguindo-o assim de todo beijo erótico e sensual. A ausência do ósculo santo na igreja ocidental evidencia uma reserva desnecessária e, talvez, a perda da intensidade do primeiro amor.<sup>146</sup>

Lopes declara que, “na igreja primitiva, o ósculo santo era a forma afetuosa e calorosa de cumprimento e demonstração de amizade, especialmente antes da celebração da ceia”.<sup>147</sup> O ósculo era a forma expressa da manifestação do apreço e afeição pelo irmão. Esse ósculo, praticado pela comunidade cristã, “deveria ser muito mais que um símbolo de afetividade

<sup>141</sup> VINE, UNGER, WHITE, 2002, p. 974.

<sup>142</sup> POHL, 1999, p. 251.

<sup>143</sup> STOTT, 2000, p. 479.

<sup>144</sup> STOTT, 2000, p. 479.

<sup>145</sup> MURRAY, 2003, p. 594.

<sup>146</sup> MURRAY, 2003, p. 595.

<sup>147</sup> LOPES, 2010, p. 497.

genuína, mas também deveria ser santo [...], o ósculo santo assim simboliza o amor de Cristo mutuamente compartilhado”.<sup>148</sup>

Pohl, acrescenta que o apóstolo Paulo desafia os irmãos a praticarem o ósculo como uma forma de comunhão involuntária. Ele diz: “saudai-vos uns aos outros com ósculo santo, ou seja, com o beijo praticado no culto a Deus. De maneira invisível se fecharia, assim, também o anel espiritual em torno de todas as comunidades ausentes”.<sup>149</sup> Henriksen afirma que o NT apresenta três conjuntos de passagens que fazem menção ao beijo, são elas: Lc 7.36-50; Lc 22.47,48 e Rm 16.16. Em Romanos o texto é direcionado para a comunidade cristã e seus integrantes, inculcando em suas mentes a necessidade de praticar o ósculo, ou seja, de praticar o amor de Deus para com todos, e isso incluiria até mesmo aqueles que eles não gostavam.<sup>150</sup> Stott conclui que apesar de alguns deles terem o seu nome citado, todos deveriam saudar uns aos outros com o ósculo santo, pois, “a saudação verbal deveria ser confirmada com um gesto visível e palpável”.<sup>151</sup> E esse gesto sem dúvida era um sinal do amor de Deus.

#### 2.4 Traduções comuns para o termo *Allélon* e seu significado

	NVI	NTLH	Contemporânea	ARA
Rm 12.5	“assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada <b>membro</b> está ligado a todos os outros”.	“assim também nós, embora sejamos muitos, somos um só corpo por estarmos unidos com Cristo. E <b>todos estamos unidos</b> uns com os outros como partes diferentes de um só corpo”.	“assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos <b>membros</b> uns dos outros”.	“assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e <b>membros</b> uns dos outros,”
Rm 12.10	“Dediquem-se uns aos outros com <b>amor fraternal</b> . Prefiram dar honra aos outros mais do	“Amem uns aos outros com o <b>amor de irmãos em Cristo</b> e se esforcem para tratar uns aos	“Amai-vos <b>cordialmente</b> uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros”.	“Amai-vos <b>cordialmente</b> uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros”.

<sup>148</sup> LOPES, 2010, p. 498.

<sup>149</sup> POHL, 1999, p. 251.

<sup>150</sup> HENDRIKSEN, 2001, p. 670-671.

<sup>151</sup> STOTT, 2000, p. 479.

	que a si próprios”.	outros com respeito”.		
Rm 12.16	“Tenham uma <b>mesma atitude</b> uns para com os outros. Não sejam orgulhosos, mas estejam dispostos a associar-se a pessoas de posição inferior. Não sejam sábios aos seus próprios olhos”.	“Tenham por todos o <b>mesmo cuidado</b> . Não sejam orgulhosos, mas aceitem serviços humildes. Que nenhum de vocês fique pensando que é sábio!”	“Sede <b>unânicos</b> entre vós; não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios em vós mesmos”.	“Tende o <b>mesmo sentimento</b> uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos”.
Rm 14.13	“Portanto, deixemos de <b>julgar</b> uns aos outros. Em vez disso, façamos o propósito de não colocar pedra de tropeço ou obstáculo no caminho do irmão”.	“Por isso paremos de <b>criticar</b> uns aos outros. Pelo contrário, cada um de vocês resolva não fazer nada que leve o seu irmão a tropeçar ou cair em pecado”.	“Assim que não nos <b>julguemos</b> mais uns aos outros; antes, seja o vosso propósito não pôr tropeço ou escândalo ao irmão”.	“Não nos <b>julguemos</b> mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão”.
Rm 14.19	“Por isso, esforcemo-nos em promover tudo quanto conduz à paz e à <b>edificação</b> mútua”.	“Por isso procuremos sempre as coisas que trazem a paz e que nos ajudam a <b>fortalecer</b> uns aos outros na fé”.	“Sigamos, pois, as coisas que servem para a paz e para a <b>edificação</b> de uns para com os outros”.	“Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da <b>edificação</b> de uns para com os outros”.
Rm 15.7	“Portanto, <b>aceitem-se</b> uns aos outros, da mesma forma como Cristo os aceitou, a fim de que vocês glorifiquem a Deus”.	“Portanto, <b>aceitem</b> uns aos outros para a glória de Deus, assim como Cristo aceitou vocês”.	“Portanto, <b>recebei-vos</b> uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus”.	“Portanto, <b>acolhei-vos</b> uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus”.

Rm 15.14	“Meus irmãos, eu mesmo estou convencido de que vocês estão cheios de bondade e plenamente instruídos, sendo capazes de <b>aconselhar-se</b> uns aos outros”.	“Meus irmãos, estou certo de que vocês estão cheios de bondade, sabem tudo o que é preciso saber e são capazes de <b>dar conselhos</b> uns aos outros”.	“Eu próprio, meus irmãos, certo estou, a respeito de vós, que vós mesmos estais cheios de bondade, cheios de todo o conhecimento, podendo <b>admoestar-vos</b> uns aos outros”.	“E certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos <b>admoestardes</b> uns aos outros”.
Rm 16.16	“ <b>Saúdem</b> uns aos outros com beijo santo. Todas as igrejas de Cristo enviam-lhes saudações”. <sup>152</sup>	“ <b>Cumprimen-tem</b> uns aos outros com um beijo de irmão. Todas as igrejas de Cristo mandam saudações a vocês”. <sup>153</sup>	“ <b>Saudai-vos</b> uns aos outros com santo ósculo. As igrejas de Cristo vos saúdam”. <sup>154</sup>	“ <b>Saudai-vos</b> uns aos outros com ósculo santo. Todas as igrejas de Cristo vos saúdam”. <sup>155</sup>

<sup>152</sup> SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada Português – Inglês**. São Paulo: Vida, 2003, p. 1278-1282.

<sup>153</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada** – Nova Tradução na Linguagem de hoje. Barueri: SBB, 2000, p. 133-135.

<sup>154</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **A Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 1996, p. 169-172.

<sup>155</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia de estudo de Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, 1496-1502.

## III – UNS AOS OUTROS PARA A IGREJA ATUAL

### 3.1 A importância dos relacionamentos

O apóstolo Paulo procura transmitir verdades absolutas a partir da analogia do corpo humano, em relação ao corpo de Cristo. Ele fez isso na sua carta aos Coríntios e também em Romanos, para explicar que, os cristãos faziam parte uns dos outros, pertenciam uns aos outros.<sup>156</sup> Quanto a isso, Getz afirma que:

quando Paulo escreveu aos romanos ele supôs que eles entenderiam a metáfora do corpo, provavelmente porque esses crentes eram bem mais maduros que os coríntios. Assim sendo, simplesmente relatou a analogia, e imediatamente enviou sua mensagem.<sup>157</sup>

O corpo de Cristo é formado por muitos membros, cada qual com razões e funções diferentes. Cada parte do corpo é capacitado individualmente para ter participação ativa no corpo, assim funciona a igreja. Cada membro tem fundamental importância, e não sobreviverá por muito tempo se não estiver em sintonia com o corpo, para formar uma unidade, que é ativa, dinâmica e inter-relacional. Essa compreensão é dada, no momento que os membros tiverem plena consciência do reconhecimento do papel de Jesus Cristo, como cabeça da igreja. Foi assim que aconteceu com o apóstolo Paulo.

Mendes ressalta que “sem a conversão e o reconhecimento de Jesus como Senhor, Paulo não teria descoberto de maneira objetiva e viva o conceito da igreja como corpo de Cristo”.<sup>158</sup> Maxwell define relacionamentos como “a cola que mantem os membros de sua equipe juntos, quanto mais sólidos os relacionamentos, mais coesa será a equipe”.<sup>159</sup> Lucado complementa tais afirmações ao declarar que,

algumas das melhores dádivas concedidas por Deus são relacionamentos com pessoas que mostram o lado audaz e prático de seguir a Jesus Cristo. Essas pessoas de fato vivem! Não são estereótipos e, ainda, fazem lembrar de Jesus. Quebram o protocolo e, ainda, elucidam a imagem de Deus. Com um pouco mais de uma palavra, nasce o desafio de viver melhor.<sup>160</sup>

---

<sup>156</sup> GETZ, 2006, p. 16.

<sup>157</sup> GETZ, 2006, p. 17.

<sup>158</sup> MENDES, Naamã. **Igreja lugar de vida** - um diagnóstico honesto do que precisa melhorar na igreja para que ela cumpra sua função terapêutica na vida do homem. Venda Nova: Betânia, 1992, p. 95.

<sup>159</sup> MAXWELL, John C. **Os quatro segredos do sucesso** - tudo o que você precisa saber sobre liderança, capacitação, atitude e relacionamento. Trad. Valéria Lamim Delgado e Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2008, p. 205.

<sup>160</sup> LUCADO, Max. **Romanos: o grande projeto de Deus**. Trad. Daniel Faria. São Paulo: Mundo Cristão, 2014, p. 67.

Para Paulo os laços de relacionamento entre os cristãos eram a comprovação daquilo que teriam sido capazes de assimilar, através de suas exortações. O apóstolo inicia a Epístola falando sobre a fé e termina propondo que os crentes entendam e vivam essa verdade fundamental, usando o corpo de Cristo como experimento. Dessa forma a atuação de Deus por meio do Espírito Santo e seu ensino, fariam os relacionamentos resultarem em ações práticas de uns para com os outros.

Para que a igreja seja capaz de experimentar tal nível de relacionamento é necessário que haja momentos de intimidade e comunhão, onde o amor possa ser exteriorizado, em um ambiente de confiança, para que dessa forma se inicie o processo de descobertas pessoais.<sup>161</sup> Os relacionamentos sempre foram o alvo do discurso e da vida de Jesus. Ele estabeleceu metas, promoveu o ensino, caminhou, discursou, pescou, cuidou, amou, se relacionou e em todas essas manifestações o denominador comum era o amor, por essa razão a relação “uns aos outros” se tornou o aspecto mais relevante de todo o cristianismo. Real afirma que:

No sentido vertical, o cristão se relaciona com Deus e, no horizontal, com outros cristãos. O próprio cristianismo pode ser descrito como a comunhão, em amor, de Deus com os homens e dos homens entre si, alcançados de modo coletivo e individual pelo plano redentor executado por Jesus Cristo.<sup>162</sup>

O que o apóstolo Paulo está propondo para os crentes de Roma é que coloquem em prática as duas dimensões relacionais: a íntima comunhão com Deus e também com o próximo. Esse tipo de relacionamento idealizado por Paulo para os Romanos só poderia ser colocado em prática na medida em que a igreja fosse capaz de exercitar o amor. A prática do amor leva a relacionamentos profundos, mas, para isso é necessário que as diferenças sejam colocadas de lado. Real continua seu pensamento destacando que,

a essência do amor cristão está em amar as pessoas com a singularidade cristã, buscando formas práticas de ajudá-las, sem medir esforços. Quem ama se interessa por pessoas e busca estar sempre em contato com elas para expressar não só seu amor mas também a alegria em poder ajudá-las.<sup>163</sup>

A base da comunhão entre cristãos é genuína, na medida em que duas ou mais pessoas vivem em unidade, apesar de suas diferenças. O relacionamento deve ser o testemunho da igreja diante da sociedade, tal convívio entre os irmãos trará implicações nas relações do viver em comunidade.

---

<sup>161</sup> MENDES, 1992, p. 95.

<sup>162</sup> REAL, Paulo. **Relacionamentos na igreja**: como manter a unidade na diversidade. São Paulo: Vida, 2003, p. 9.

<sup>163</sup> REAL, 2003, p. 26.

### 3.1.1 Sua importância para a saúde humana

Diversos estudos científicos evidenciam o poder que os relacionamentos profundos exercem na saúde física dos seres humanos. Os benefícios vão desde o bem-estar físico, até o âmbito emocional. Em virtude disso nota-se a importância do papel da igreja. Goleman apresenta o seu estudo que comprova a importância dos relacionamentos, Ele afirma:

Acrescente a solidão à lista de riscos emocionais para a saúde e os laços emocionais estreitos à lista de fatores protetores. Estudos feitos durante décadas, envolvendo mais de trinta e sete mil pessoas, mostram que o isolamento social [...], duplica a possibilidade de contração de doença [...]. O isolamento por si só, conclui uma comunicação científica de 1987, publicada na revista *Science*, “é tão importante para as taxas de mortalidade quanto o fumo, a alta pressão sanguínea, o colesterol alto, a obesidade e a falta de exercício físico”.<sup>164</sup>

O ser humano possui em si uma grande necessidade: o desejo de ter intimidade relacional. Os relacionamentos marcados pelo amor de Deus são poderosas ferramentas para a promoção de uma boa saúde física, emocional e até espiritual. A comunidade cristã precisa estar ciente que a base para a união está nos relacionamentos. Real ressalta que “não há no ser humano uma dicotomia entre emoções e espiritualidade. Na esfera do Reino, crescer emocionalmente exige aperfeiçoamento, que conduz à maturidade emocional”.<sup>165</sup> Em virtude disso, o amor deve ser a marca de todo aquele que obedece aos mandamentos e almeja o crescimento para a sua comunidade.

### 3.1.2 Sua importância para o crescimento da igreja

O impacto que os relacionamentos podem causar, ultrapassa o conhecimento humano. Pode-se afirmar que a partir de relacionamentos saudáveis há o crescimento espiritual e emocional. A mudança proposta pelos relacionamentos de amor, está diretamente ligada ao crescimento da igreja. Schwarz destaca que,

...existe uma correspondência altíssima entre a capacidade de amar de uma igreja e seu potencial de crescimento [...] Amor de verdade dá um brilho, produzido por Deus, muito maior do que programas evangelísticos, pois nestes a ênfase recai exclusivamente sobre os modos verbais de transmissão. As pessoas sem Deus não precisam de discursos de amor; elas querem experimentar o amor cristão na prática do dia-a-dia.<sup>166</sup>

<sup>164</sup> GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Objetiva: Rio de Janeiro, 1995, p. 193-194.

<sup>165</sup> REAL, 2003, p. 32.

<sup>166</sup> SCHWARZ, Christian A. **O desenvolvimento natural da igreja**. Curitiba: Evangélica Esperança, 1996, p. 36.

Para o autor, o amor é o principal componente para o crescimento da igreja. “Igrejas que crescem têm, em média, um ‘quociente de amor’ mensurável mais elevado do que igrejas estagnadas ou em declínio”.<sup>167</sup> O amor verdadeiro de uns para com os outros, glorifica a Deus, pois dessa forma a igreja é capaz de experimentar a maturidade cristã através dos relacionamentos. Real observa que a “comunhão cristã evidenciada em relacionamentos amorosos, seja na prática do amor fraternal, no exercício dos dons, seja nos pequenos grupos, é fundamental e indispensável no processo de crescimento da igreja”.<sup>168</sup> Townsend e Cloud declaram que,

os grupos são uma ferramenta extremamente poderosa para o crescimento espiritual e emocional. A dinâmica acontece em um grupo no qual não há relacionamentos individualizados. Os membros compreendem a universalidade da dor e do sofrimento e não ficam tentados a se condenarem. O grupo é como um exército que luta contra os padrões de comportamento autocondenatórios e destrutivos.<sup>169</sup>

Yancey cita uma parte do discurso de Winston Churchill, ao declarar que “a igreja para ele funcionava como uma espécie de apoio exterior”.<sup>170</sup> Os pequenos grupos são lugares acolhedores, onde as pessoas podem conversar sobre as dificuldades da vida, orar, questionar e até discutir questões de fé, ou seja, um lugar onde a necessidade de relacionamento é preenchida e como consequência disso está o crescimento. “O cristianismo não é mera fé intelectual interna. Ele só pode ser vivido dentro de uma comunidade”, afirma Yancey.<sup>171</sup> Analogicamente, a igreja de Cristo pode ser comparada a um esqueleto. Pois, ao contrário do que se pode pensar, ele é um órgão que cresce e lubrifica-se a si mesmo, de maneira que,

quando um osso se quebra, começa um complexo processo. Agitadas células reparadoras invadem o local em numerosos enxames. Dentro de duas semanas rodeia a região um lençol semelhante à cartilagem, chamado calo, e células cementadoras entram naquela massa gelatinosa. Essas células são os osteoblastos, as células obturadas do osso. Gradualmente elas desintegram o calo, e o substituem com osso novo. Em dois ou três meses o lugar da fratura fica marcado por uma massa de osso que forma uma saliência dos dois lados da fratura, como uma mangueira de jardim emendada. Mais tarde, o material excedente é retirado, de forma que o resultado final faz com o osso volte quase à aparência original.<sup>172</sup>

<sup>167</sup> SCHWARZ, 1996, p. 36.

<sup>168</sup> REAL, 2003, p. 35.

<sup>169</sup> TOWNSEND, John; CLOUD, Henry. **Relacionamentos saudáveis**: como desenvolver bons relacionamentos e evitar os ruins. Trad. Denise Avalone. São Paulo: Vida, 2003, p. 194.

<sup>170</sup> YANCEY, Philip. **Igreja**: por que me importar? Redescobrimo o prazer da vida em comunidade. Trad. Elizabeth Charles Gomes. São Paulo: Sepal, 2001, p. 18.

<sup>171</sup> YANCEY, 2001, p. 22.

<sup>172</sup> BRAND, Paul; YANCEY, Philip. **As maravilhas do corpo** - a igreja refletida no corpo humano. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 95.

A analogia do corpo humano está intimamente ligada ao corpo de Cristo, pois em paralelo com a ossificação, acontece o crescimento e a renovação. O crescimento da igreja está intimamente ligado a capacidade que ela possui de desenvolver o amor mútuo. Christian Schwarz desenvolveu uma pesquisa em mais de mil igrejas nos cinco continentes, com o objetivo de mostrar que, aquelas igrejas que crescem possuem algumas qualidades fundamentais que as diferenciam das demais, pois fazem com que as áreas de: “liderança, ministérios, espiritualidade, estrutura, culto, grupos, evangelização e relacionamentos tenham um índice acima de 65.<sup>173</sup> Porém, o autor esclarece que,

A “hipótese do nível 65” *não* afirma que toda igreja que quer crescer precisa ter o índice de qualidade igual ou superior a 65 em todos os oito aspectos pesquisados [...] A “hipótese do nível 65” diz simplesmente que, se todos os valores são iguais ou superiores a 65, a probabilidade estatística dessa igreja crescer está em 99,4%.<sup>174</sup>

Com isso, Schwarz entende que em cada área citada acima, os membros são instigados a exercitar e experimentar o amor na comunidade cristã. Onde o fazer parte de uma igreja, significa dar a “mão uns aos outros para conhecer e ser conhecido uns pelos outros, [...] é necessário desistir de tentar viver a vida cristã sozinho, e viver em aliança com outros”.<sup>175</sup>

### 3.1.3 Sua importância para o crescimento espiritual

Como pode-se observar até o presente momento, o viver em comunidade deve ser motivado por expressões de amor mútuo, fazendo exercícios dos dons espirituais e de um relacionamento estreito entre irmãos, dessa forma a igreja irá experimentar não apenas o crescimento numérico, necessário para um desenvolvimento saudável, mas, será capaz de crescer espiritualmente. Segundo Real, é “desejo de Deus que a igreja alcance a maturidade, e isso só será possível se cada um almejar assemelhar-se ao caráter de Cristo”. O autor acrescenta ainda, que esse crescimento não é automático em cada um, mas, um processo que envolve as relações entre os membros do corpo de Cristo.<sup>176</sup> Para Dever, crescimento é sinal de vida, pois,

se uma árvore está viva, ela cresce. Se um animal está vivo, ele cresce. Estar vivo implica crescimento, que, por sua vez, significa desenvolvimento e avanço, pelo menos até que a morte intervenha. Paulo esperava que os crentes de Corinto crescessem na fé (2 Co 10.15) e que os de Éfeso crescessem “em tudo naquele que é a cabeça” (Ef 4.15; cf. Cl 1.10; 2 Ts 1.3). Pedro exortou os

<sup>173</sup> SCHWARZ, 1996, p. 39.

<sup>174</sup> SCHWARZ, 1996, p. 40.

<sup>175</sup> DEVER, Mark. **Nove marcas de uma igreja saudável**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 166.

<sup>176</sup> REAL, 2003, p. 35

seus leitores: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação” (1 Pe 2.2).<sup>177</sup>

O crescimento espiritual está intimamente relacionado com o modelo de vida adotado pela comunidade cristã e caracterizado na vida pessoal de cada um. Dever, é enfático ao afirmar que, “a igreja tem obrigação de ser instrumento de Deus para que as pessoas cresçam na graça. Influências maduras que visam à santidade, numa comunidade de crentes unidos em um pacto, podem ser ferramentas nas mãos de Deus para o crescimento de seu povo”.<sup>178</sup> Proporcionar o crescimento espiritual de seus integrantes é o compromisso de cada igreja, com o objetivo de alcançar a unidade da fé e do conhecimento de Cristo, para dessa forma, alcançar à maturidade. Essa relação de mutualidade é enfatizada muitas vezes no NT,

a expressão “uns aos outros” aparece 59 vezes no Novo Testamento. Os chamados “mandamentos recíprocos” envolvem exortação, aconselhamento, advertência, instrução, apoio na fraqueza, encorajamento, aceitação, intercessão, dentre outros. Essas conexões dinâmicas no Corpo de Cristo, por onde flui a vida do Espírito, objetivam a maturidade espiritual.<sup>179</sup>

A igreja é, portanto, o lugar onde o Espírito Santo tem liberdade para atuar como instrumento de Deus, para o crescimento espiritual. Segundo a teologia do apóstolo Paulo, o crescimento espiritual é a compreensão do amor de Deus, pela condução do Espírito Santo no viver em comunhão. Real, citando Stott, ressalta que “precisa-se da totalidade do povo de Deus para entender a totalidade do amor de Deus, [são necessários] *todos os santos* [...] com toda sua diversidade e experiências”.<sup>180</sup> A igreja só será capaz de experimentar o crescimento espiritual na medida da plenitude de Cristo, se o viver em comunidade for uma realidade do Corpo. Para tal, Deus usa pessoas cheias do Espírito Santo, maduras e conscientes de que os benefícios que esse crescimento irá proporcionar estão enraizados na profundidade dos relacionamentos.

Townsend e Cloud destacam que

A falta de relacionamentos construtivos pode causar um grande estrago na relação com Deus. De fato, a sua “condição relacional” e a sua “condição espiritual” estão tão intrinsicamente ligadas quanto as fibras de uma corda [...] nunca avalie a sua vida espiritual sem também olhar para a sua vida no mundo.<sup>181</sup>

<sup>177</sup> DEVER, Mark. **O que é uma igreja saudável?** Trad. Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2009, p. 97.

<sup>178</sup> DEVER, 2009, p. 98.

<sup>179</sup> REAL, 2003, p. 38.

<sup>180</sup> REAL, 2003, p. 40.

<sup>181</sup> TOWNSEND, CLOUD, 2003, p. 105-106.

A Palavra de Deus apresenta três áreas do crescimento espiritual. Amar a Deus, amar uns aos outros e ajudar aos outros a adquirirem a maturidade espiritual que Deus pretendia ao criar o homem.<sup>182</sup> Por isso, faz-se necessário estar ao lado de pessoas que proporcionem esse tipo de crescimento. A partir de relacionamentos construtivos verdadeiros, é que a igreja será capaz de entender o “uns aos outros” como Deus proposta inicial de Deus.<sup>183</sup>

### 3.2 Os desafios dos relacionamentos

O envolvimento entre duas ou mais pessoas não acontece automaticamente, caso contrário, o apóstolo Paulo não teria necessidade de apresentar tantas exortações ao longo do seu ministério. Mostrar amor e afeição por outras pessoas, ao ponto de tratá-los como irmãos, não é uma tarefa tão simples assim. Alguns cristãos apresentam dificuldades de se relacionar, impedindo assim, que manifestações de amor e carinho aconteçam. Com relação a isso, Getz acredita que, é necessário “trabalhar com uma perspectiva madura com respeito aos relacionamentos humanos”.<sup>184</sup> Pois, muitos são os desafios que acompanham os relacionamentos.

#### 3.2.1 Rejeição

A rejeição é um dos sentimentos mais profundos a serem trabalhados, pois ela dificulta a comunicação do amor. A rejeição pode levar uma pessoa a níveis gravíssimos de depressão, que acarreta em falta de esperança e em falta de envolvimento. Valadão traz uma definição de rejeição. Para ele “a rejeição consiste em sentir-se não querido, não amado, não aceito, preterido, discriminado, humilhado. É a sensação de abandono, de depreciação”.<sup>185</sup>

A rejeição é um sentimento que impede tanto o relacionamento vertical com Deus, quanto o relacionamento horizontal no âmbito comunitário. O relacionamento com Deus fica interrompido, e na medida em que as pessoas não são capazes de se ver como Deus as imagina, acabam por se perder em meio à amargura, com fortes tendências à solidão.<sup>186</sup> A igreja do Senhor Jesus é formada por seres humanos, que estão sujeitos a diversos tipos de dificuldades, dentre eles, a rejeição.

<sup>182</sup> TOWNSEND, CLOUD, 2003, p. 166.

<sup>183</sup> TOWNSEND, CLOUD, 2003, p. 181.

<sup>184</sup> GETZ, 2006, p. 31.

<sup>185</sup> VALADÃO, Márcio. **Rejeitando a rejeição**. Belo Horizonte: IBL, 2011, p. 9-10.

<sup>186</sup> VALADÃO, 2011, p. 10.

A rejeição é destrutiva, causa medo e por isso Deus enviou seu Filho ao mundo para morrer pela humanidade, para que não haja mais condenação, rejeição, e sim o amor. Deste modo, o amor é o remédio para a rejeição e o medo. Dever acrescenta que “a igreja é um povo, não um lugar, nem uma estatística. É um corpo, unido a Cristo, que é a cabeça. É uma família, unida por adoção por meio de Cristo”.<sup>187</sup> O autor afirma ainda, que todos estavam mortos em seus próprios pecados e que Cristo trouxe libertação, por isso a ordem de Jesus e do apóstolo Paulo de amar uns aos outros, para que no envolvimento do corpo de Cristo não houvesse rejeição. Pode-se dizer que o contrário de rejeição é a conexão. Crabb entende a conexão como:

um poder profundo que penetra a porção mais verdadeira da alma de uma pessoa, que toca os recantos mais vazios de uma outra pessoa, e ali encontra algo, infundindo-lhe vida. Quando isso acontece, o doador fica mais pleno do que antes, e o receptor, menos apavorado e no final mais ávido por vivenciar uma conexão ainda mais profunda, mais recíproca.<sup>188</sup>

A conexão é um dos componentes necessário de um relacionamento significativo. Através dela as boas novas do Evangelho são recebidas. O ser humano foi criado para estabelecer conexões uns com os outros, e fazer uso dessa relação, para desfrutar e aperfeiçoar o relacionamento.<sup>189</sup> Dessa forma, sentimentos como a rejeição, jamais serão experimentados pela comunidade cristã que tem o amor como fundamento, pois, ao se unir à alguém há o estabelecimento de uma conexão segura e sólida.

### 3.2.2 Manter a unidade

Entende-se unidade pelo processo de ligar-se à alguma coisa ou alguém. Na igreja de Cristo há uma unidade chamada espiritual, que faz com que as pessoas estejam ligadas umas às outras, mesmo sem se conhecerem, pois pertencem à uma única igreja, “Universal”. A unidade proposta por Jesus e pelo apóstolo Paulo é uma,

unidade visível, concreta e prática, que só pode existir entre crentes que estão reunidos dentro de uma localidade geográfica. É uma unidade estreita e diária, que envolve pessoas em carne e sangue num relacionamento mútuo [...] Unidade e singularidade eram possíveis numa igreja local. Embora muitas personalidades diferentes façam parte dela, conseguem ainda assim, ser levadas a ter um só coração e um só espírito.<sup>190</sup>

<sup>187</sup> DEVER, 2009, p. 33.

<sup>188</sup> CRABB, Larry. **Conexão**: o poder restaurador dos relacionamentos humanos. O plano de Deus visando cura emocional. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, p. 59.

<sup>189</sup> CRABB, 1999, p. 88-89.

<sup>190</sup> GETZ, 2006, p. 55.

A unidade é o combustível da igreja. Alguém que não está unido a cabeça (Cristo), a partir da qual todo o corpo é sustentado e ligado, não consegue o desenvolvimento necessário para uma vida em comunidade. Para Townsend e Cloud, cada um é sustentado pelos outros no corpo de Cristo, onde o “bom e velho apoio é o combustível básico que o torna capaz de enfrentar e lidar com a vida à medida que ela nos apresenta suas provações e decepções”.<sup>191</sup>

A unidade da igreja não é algo automático, requer esforço de cada integrante do Corpo de Cristo. Por isso Paulo exorta a igreja de Jerusalém que atentem para as necessidades das viúvas, pois, de outra forma haveria divisões naquela igreja. Da mesma forma, o faz, aos líderes de Antioquia, ao enfrentar o problema com os indivíduos da Judéia.<sup>192</sup> Esse esforço em prol da unidade faz da igreja um organismo vivo que influencia a vida das pessoas. Esse era o tipo de comunhão que a igreja primitiva desfrutava, “onde as pessoas tinham um compromisso comum com Cristo. Tal compromisso e proximidade deve existir hoje”.<sup>193</sup> Segundo Getz “a chave da unidade é a maturidade cristã, que reflete amor”.<sup>194</sup> Para Collins “o corpo de Cristo deve ser caracterizado pelo amor”, mas essa tarefa é difícil pois, requer tempo e esforço. Conforme o autor,

Amar é a marca básica do cristão (Jo 13.35), e a descrição bíblica do amor, como registrada em 1 Coríntios 13, apresenta um padrão elevado. “O amor”, é muito paciente e bondoso, nunca é invejoso ou ciumento, nunca é presunçoso nem orgulhoso, nunca é arrogante, nem, egoísta, nem tampouco rude [...]”<sup>195</sup>

O conceito de unidade que o apóstolo Paulo tinha como proposta para a comunidade cristã de Roma, envolvia a ideia de um povo unido, que partilhava do mesmo amor, que compartilhava as cargas uns dos outros, e que pudesse desfrutar do verdadeiro amor.

### 3.2.3 Quebrar barreiras

Outro desafio para a prática de relacionamentos saudáveis é identificar as resistências, também chamadas de barreiras. O apóstolo Paulo traz ensinamentos que devem ser reportados a igreja atual, ele fala sobre a prática da acolhida. A igreja tem grande responsabilidade em acolher, pois, indiscriminadamente todos são importantes para Deus. Paulo ensinou em Romanos 14 que

---

<sup>191</sup> TOWNSEND, CLOUD, 2003, p. 174.

<sup>192</sup> GETZ, 2006, p. 56.

<sup>193</sup> GETZ, 2006, p. 56.

<sup>194</sup> GETZ, 2006, p. 56.

<sup>195</sup> COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 166.

nem o fraco, nem o forte devem julgar um ao outro, mas que o cristão forte deve ter o cuidado para que o irmão mais fraco não venha a pecar. Getz acredita que é

Neste ponto que hoje muitos cristãos interpretam mal esse ensinamento e o transgridem. “Ofensa” ou “tropeço” pode ser definido por alguns cristãos, principalmente os imaturos, como algo que faz com que se sintam mal ou desconfortáveis. Paulo foi bem claro quando falou em causar tristeza ou mágoa, ou levar alguém a tropeçar, afirmando que o fato de acusar os outros por fazer coisas erradas é igual a julgar. Ele disse que contribuir para que alguém tropece é a mesma coisa que fazer com que ele peque contra si mesmo e contra Deus.<sup>196</sup>

O apóstolo Paulo traz agora um modelo prático de como agir por amor. Na comunidade cristã de Roma haviam dois grupos: os fracos e os fortes, que deveriam co-existir de maneira amigável. Stott declara que na conclusão da Epístola, Paulo

Desvia o holofote dos fracos e dos fortes, crentes judeus e gentios assumem seus lugares e ouve-se essa multi-étnica comunidade reconciliada expressar-se “com um só coração e uma só boca”, em gloriosa harmonia evangélica, glorificando “ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”.<sup>197</sup>

A preocupação de Paulo era para que os irmãos acolhessem uns aos outros e não colocassem barreiras impostas por seus próprios padrões, que nesse caso poderia facilmente ser chamado de preconceito. Getz apresenta preconceito como um pecado, “preconceito é um pecado muito sutil. O apóstolo Pedro levou pelo menos cinco anos, depois de o Espírito Santo ter vindo no Pentecostes, para só então entender e aceitar o fato de que os gentios podiam ser salvos”.<sup>198</sup> O preconceito é uma barreira que deve ser quebrada, afim de que, os laços do relacionamento cristão possam se fortalecer, dando lugar a aceitação. Aceitação não deve ser confundido com liberalidade. No original grego

*Proslambanō* significa mais do que “aceitar” as pessoas, no sentido de aquiescer em sua existência e mesmo em seu direito de pertencer a um grupo; mais ainda do que “receber ou aceitar em nossa sociedade, em nosso lar ou círculo de conhecidos” [...] quer dizer acolhê-las em nosso círculo de amigos e em nosso coração. Implica o calor e a bondade que marcam o verdadeiro amor.<sup>199</sup>

O amor de Deus é incondicional e oferecido a qualquer pecador, que mediante arrependimento e fé, reconhece a sua atual situação e decide mudar o rumo da sua vida. Da mesma forma como Deus ama e aceita o pecador que se arrepende e muda, a comunidade cristã também deve

---

<sup>196</sup> GETZ, 2006, p. 66.

<sup>197</sup> STOTT, 2000, p. 431.

<sup>198</sup> GETZ, 2006, p. 68.

<sup>199</sup> STOTT, 2000, p. 434.

aceitar. A aceitação de Deus abre as portas da família de Deus para todo aquele que decide fazer parte do Corpo de Cristo.<sup>200</sup> Quebrar as barreiras do julgamento, da falta de aceitação é fazer da igreja um lugar onde o respeito e as opiniões próprias formam os laços de uma família idealizada por Deus.

### 3.2.4 Consciência de Interdependência

O tipo de relacionamento que Jesus apresentou sempre teve como essência o amor, em virtude disso, os relacionamentos cristãos são o aspecto mais relevante do cristianismo. O grande desafio do cristianismo é implantar a unidade da igreja, e um dos componentes dessa unidade é a interdependência. Schwarz estabelece seis princípios para o desenvolvimento natural da igreja, onde o primeiro deles é a interdependência. O autor esclarece que,

Um dos grandes milagres de Deus na criação consiste no fato de que todos os elementos – desde os microorganismos até as estrelas – estão relacionados e são interdependentes de uma forma tão sábia que o ser humano não consegue compreender [...] O princípio da interdependência na natureza afirma: a forma em que as partes estão integradas no todo é mais importante do que cada parte.<sup>201</sup>

O princípio da interdependência é de fundamental importância para o desenvolvimento da igreja. Pois, sendo ela um organismo vivo, complexo no qual todas as partes estão ligadas a cabeça, Cristo, tem o objetivo de edificar a si mesma. É necessário para a igreja, uma compreensão dessa realidade, pois a partir disso, todos os demais segmentos para a unidade estarão relacionados.

O princípio da interdependência deve ajudar a identificar na igreja, quais áreas estão desenvolvendo esse princípio e quais precisam de uma reorganização. Schwarz e Schalk acreditam que “o oposto de interdependência é ver as coisas de forma isolada. Ver as coisas de forma isolada leva a resultados a curto prazo, analisar de forma interdependente produz frutos a longo prazo”.<sup>202</sup> A igreja é um organismo no qual todos os segmentos estão relacionados, por isso a interdependência tem consequência sobre todas as outras partes. Schwarz associa interdependência com sabedoria, onde acredita que sabedoria na Bíblia “significa observar um fenômeno sem isolá-lo de suas relações complexas com o ambiente”, dessa forma a igreja será

---

<sup>200</sup> STOTT, 2000, p. 435.

<sup>201</sup> SCHWARZ, 1996, p. 66.

<sup>202</sup> SCHWARZ, Christian A.; SCHALK, Christoph. **A prática do desenvolvimento natural da igreja**. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998, p. 127.

capaz de criar uma forma de interdependência capaz de promover a multiplicação de forma confiável e segura.

### 3.3 Características do relacionamento cristão

A principal característica do relacionamento cristão é o amor. O amor de Deus pelos homens e dos homens entre si. Essa unidade é alcançada por meio de Jesus e de seu sacrifício salvador e também pelo esforço pessoal de cada integrante da comunidade cristã. O amor é o triunfo dos relacionamentos e possui diversas características.

#### 3.3.1 Investimento

O investimento é uma das características do amor, e em toda a Bíblia pode-se perceber que aquele que ama investe. O dicionário Vine apresenta a palavra a partir do original grego, “*endu/w*, investir, que na voz média significa “vestir a si mesmo, estar vestido com”, é usado metaforicamente em alusão a poder (Lc 24.49)”.<sup>203</sup> O investimento é algo que contribui tanto para a vida individual de cada um, como para o crescimento do Corpo de Cristo. Em razão disso, o investimento revela o nível de interesse que é dedicado ao irmão. Paulo ao escrever aos Coríntios fala do crescimento dos cristãos a partir do aperfeiçoamento: “...nossa oração é que vocês sejam aperfeiçoados (2 Co 13.9)”, e em 2 Co 13.11 eles deveriam “procurar aperfeiçoar-se”...<sup>204</sup>

Real passeia pelo original grego para descobrir a procedência da palavra. “A palavra grega para *perfeição* deriva da raiz *katartizo*, que foi usada em Mateus 4.21 para indicar a *emenda de redes*, e significa “ser levado de volta ao estado completo”. Esse é o desejo de Deus”.<sup>205</sup> E em 2 Co 13.12, Paulo usa “a palavra grega *allelous* (traduzida pelo pronome “se” e “uns aos outros””, para explicar a importância dos relacionamentos cristãos.<sup>206</sup> O amor uns pelos outros faz com que as pessoas sintam prazer em investir nos relacionamentos. Para Real o princípio do investimento ensina que deve-se ter a percepção para despertar as potencialidades em pessoas desanimadas e desconcertadas que vivem em busca de um sentido na vida.<sup>207</sup>

<sup>203</sup> VINE, UNGER, JR, 2002, p. 721.

<sup>204</sup> REAL, 2003, p. 71,72.

<sup>205</sup> REAL, 2003, p. 71.

<sup>206</sup> REAL, 2003, p. 72.

<sup>207</sup> REAL, 2003, p. 73.

O maior modelo de investimento que já existiu foi Jesus Cristo. Ele investiu no discipulado de pessoas consideradas nada promissoras. Moore traz uma definição para discípulo,

Discípulo era a palavra favorita de Cristo para aqueles cuja vida estava ligada entranhadamente com a dele. A palavra grega traduzida como “discípulo”, *mathetés*, é usada 269 vezes nos Evangelhos e em Atos. Significa pessoa “ensinada” ou “treinada”.<sup>208</sup>

A grande maioria dos atos de Jesus em seu tempo na terra, foi acompanhado de pessoas que estavam em constante treinamento. O discurso de Jesus é enfático, ao falar que o discípulo deve ser alguém conhecido como alguém que dá a vida pelos outros. A prática do amor uns pelos outros, leva o cristão a investir com responsabilidade na vida de outros. E com isso as palavras de Jesus expressam um significado ainda mais profundo, ao declarar que:

O discípulo ama o suficiente para se tornar impopular, para se tornar mal-entendido, para ficar sozinho, para sofrer. O amor é incondicional. Jesus cativou o coração dos seus discípulos com o seu amor incondicional [...] Jesus define discipulado, em parte, como amor pelos outros crentes.<sup>209</sup>

E esse amor, faz de Jesus o maior investidor que já existiu. Real destaca muito bem a ação de Jesus, ao investir na vida de homens aparentemente sem potencial algum que mais tarde viriam a exercer papéis fundamentais na história da igreja. As pessoas nas quais Jesus investiu, eram pessoas problemáticas, com uma visão distorcida e desconhecida do Evangelho. No entanto, esses alvos, foram os escolhidos para terem a sua vocação reafirmada.<sup>210</sup> O autor afirma que,

Cristo investiu sobretudo em doze homens, os apóstolos que não pareciam nada promissor. Alguns eram impulsivos, reacionários, cheios de interesses equivocados, legalistas, indoutos e, no tocante à obra que assumiram, sem preparo algum. Entretanto, durante três anos Cristo investiu na vida deles. Ensinou-os a crer em Deus, reescalou suas prioridades, alterou suas motivações, ministrou-lhes os valores do Reino, delegou-lhes autoridade, em outras palavras, investiu em seu potencial.<sup>211</sup>

Investir em pessoas é procurar desenvolver nelas o seu potencial, de maneira que ela seja o que Deus pretendia ao criá-la. “Deus investe continuamente em pessoas *especiais*. Ele ama, investe e perdoa sempre, na expectativa de que a qualquer momento o potencial das pessoas desabroche e, como uma flor, exale o bom perfume de Cristo”.<sup>212</sup> Investir é doar tempo para algo ou alguém. Esse tempo é algo que não volta atrás, é recíproco, momentâneo e indispensável.

<sup>208</sup> MOORE, Waylon B. **Multiplicando discípulos** – o método neotestamentário para o crescimento da igreja. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 21.

<sup>209</sup> MOORE, 1995, p. 22.

<sup>210</sup> REAL, 2003, p. 74.

<sup>211</sup> REAL, 2003, p. 73-74.

<sup>212</sup> REAL, 2003, p. 76.

O apóstolo Paulo também foi um grande investidor de vidas. Em todo o tempo, Paulo desafia seus ouvintes a perceberem que as pessoas são importantes, que estar atento às suas necessidades é indispensável para o desenvolvimento saudável da comunidade cristã, pois é desejo de Deus que os irmãos abandonem todo tipo de julgamento e resistência para viver e praticar o amor. Isso pode ser comprovado pela lista de colaboradores que ele sempre menciona em suas cartas. A comunidade cristã é um excelente veículo para o desenvolvimento das potencialidades, pois, nela estão inseridos diversos tipos de pessoas. O Corpo de Cristo é composto de diferentes partes, mas ambas devem receber e investir na vida de outros, pois quem pratica o amor cristão investe na restauração e edificação do Corpo.

### 3.3.2 Perdão

Um dos grandes benefícios do relacionamento, é a capacidade de gerar uma relação tão segura e confiável, que o ato de praticar o perdão torna-se algo verdadeiro, sincero e natural. O perdão é algo restaurador, tem efeitos terapêuticos e provoca cura, mas, precisa estar vinculado ao amor cristão. Real destaca que o “perdão não apaga a lembrança, nem elimina memórias, também não erradica as reminiscências, mas, se aplicado de maneira genuína, tem o poder de eliminar a dor”.<sup>213</sup> “O perdão é a chave para a bênção, afirma Arnott. O arrependimento e o perdão abrem os corações e fazem com que o rio de Deus possa fluir livremente”.<sup>214</sup> Mendes associa o perdão à cruz de Cristo, pois,

Na cruz, Jesus faz o diagnóstico e aplica a terapia para provocar a cura profunda. Ele começa enunciando a frase mais terapêutica possível para quem o crucificava: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem...” (Lc 23.34.) De modo concreto, sai do pedido e promete: “...hoje estarás comigo no paraíso”. (Lc 23.43.) Jesus encarna e assume de forma realista a morte [...] para que haja perdão e, portanto, cura e alívio. A cruz é a provisão terapêutica de Deus para provocar salvação, saúde e vida em todos.<sup>215</sup>

O perdão é perfeitamente associado a cruz de Cristo, pois, o efeito que a morte de Jesus produz, é capaz de gerar perdão, que anula as diferenças e promove restauração. Em consequência disso, não é possível que uma igreja conceba ser igreja, sem ter uma visão clara da cruz de Cristo. Real traz uma definição de perdão,

Perdão é a capacidade concedida por Deus de abrir mão da vingança e oferecer espontaneamente completa absolvição [...] No Novo Testamento, a palavra grega *aphiemi*, usada comumente para perdão, significa soltar, abandonar,

<sup>213</sup> REAL, 2003, p. 111.

<sup>214</sup> ARNOTT, John. **A importância do perdão**. Trad. Gaynor Smith. Rio de Janeiro: Danprewan, 2002, p. 9.

<sup>215</sup> MENDES, 1992, p. 92.

deixar, libertar, por isso a pessoa que perdoa libera tanto o ofensor como a si mesma.<sup>216</sup>

Uma das palavras usadas para perdão no Novo Testamento é: *aphiemi*, ela aparece 142 vezes. Dessas 142, apenas 45 vezes tem o sentido de “perdoar”.<sup>217</sup> O perdão é o principal componente do relacionamento entre irmãos, ele é indispensável para o viver em comunidade, pois está “entre as características do amor cristão. O perdão é a que mais revela a graça de Deus”.<sup>218</sup> Por essa razão, Coenen e Brown apresentam o “perdão como uma tarefa da igreja”.<sup>219</sup> Real ressalta que é desejo de Deus que cada indivíduo tenha total consciência da dívida de amor de uns para com os outros, e em virtude disso, liberar o mesmo perdão que receberam de Deus.<sup>220</sup> O autor salienta ainda que,

o perdão restaura o estado original do relacionamento. Quando há verdadeiro perdão, abandonam-se o ódio, os ressentimentos, o desejo de vingança e a exigência de restituição e mudança como condição para aceitar a pessoa novamente no convívio.<sup>221</sup>

Perdoar é libertar-se da mágoa, é desejar que a pessoa perdoada fique liberta desse fardo, através da manifestação do amor, Ao liberar perdão todo o empecilho é removido e a comunhão tem novos caminhos abertos, pois,

O poder do Espírito se encarregará de trabalhar tais sentimentos até o ponto de desaparecerem completamente. O verdadeiro perdão reata o relacionamento de maneira tão surpreendente que é capaz de remover os motivos da separação como se nada tivesse acontecido.<sup>222</sup>

Ao se tratar de relacionamento, poucas coisas têm efeito tão benéfico, quanto aprender a perdoar. Chapman e Thomas acreditam que “muitos relacionamentos entre irmãos podem ser restaurados se um dos dois se dispuser a tomar a iniciativa e pedir desculpas”.<sup>223</sup> Os autores ressaltam ainda que,

Se a necessidade de pedir desculpas fosse um estilo de vida, não haveria mais necessidades de construir muros. Os relacionamentos seriam autênticos. Com certeza as pessoas cometeriam erros, mas as falhas seriam tratadas de maneira aberta e honesta. Haveria manifestações de arrependimento; quem errasse

<sup>216</sup> REAL, 2003, p. 98.

<sup>217</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 1646.

<sup>218</sup> REAL, 2003, p. 97.

<sup>219</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 1648.

<sup>220</sup> REAL, 2003, p. 99.

<sup>221</sup> REAL, 2003, p. 108.

<sup>222</sup> REAL, 2003, p. 113.

<sup>223</sup> CHAPMAN, Gary; THOMAS, Jennifer. **As cinco linguagens do perdão**. Trad. Omar de Souza. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p. 176.

assumiria a responsabilidade e se disporia a compensar o prejuízo; com sinceridade e humildade, diria: “Preciso que alguém me perdoe”.<sup>224</sup>

Neto destaca que quando os irmãos pecam uns contra os outros, seja por ação, omissão ou palavras, a vida em comunidade é bloqueada. Por esta razão o perdão mútuo, a confissão mútua são os caminhos para o rompimento das barreiras.<sup>225</sup> Além do bloqueio entre os irmãos, há o bloqueio no relacionamento com Deus, pois a falta de perdão promove o rompimento da comunhão com Deus. Tanto o relacionamento entre irmãos, como, o relacionamento com Deus, devem passar pela prática do perdão bíblico, para que haja restauração e um redirecionamento ao estado existente antes do rompimento. Real enfatiza que

Muitas pessoas afirmam que não conseguem perdoar. A verdade, porém, é que não querem amar o ofensor. Perdoar é desejar libertar-se dos prejuízos da mágoa, desejar que a pessoa perdoada seja liberada, inocentada e absolvida de sua culpa real, livrando-a das consequências do ódio em relação ao erro cometido. No entanto, não haverá perdão enquanto não existir determinação de amar o causador do ressentimento.<sup>226</sup>

O perdão é, portanto, indispensável no contexto dos relacionamentos de amor entre cristãos, pois é uma ferramenta extraordinária de reconciliação. Ao pensar na vida em comunidade, Deus desenvolveu uma alternativa para os conflitos decorrentes desse tipo de comunhão. Para isso ele estabeleceu o amor e o perdão como formas de reconciliação, tendo o Espírito Santo como mediador. Sem a possibilidade de perdão, não haverá vida nem relacionamentos na comunidade.

### 3.3.3 Comunhão

De acordo com o Novo Testamento, a comunhão é a relação pessoal que os cristãos gozam com Deus e uns com outros. O termo vem do vocábulo grego *koinonia*, e sua ideia principal é “comunhão”. Segundo Barclay, no grego clássico, significa uma associação ou sociedade. No grego coloquial contemporâneo, é usado para vínculos comerciais, casamentos e para o relacionamento com Deus.<sup>227</sup> Champlin traz a seguinte definição para comunhão:

Consiste em um acordo em que diversas pessoas unem-se e chegam a participar juntas de uma determinada coisa (II Co 6.14 e I Jo 1.3). A união de propósitos e interesses em torno da Ceia do Senhor é um exemplo disso [...]

<sup>224</sup> CHAPMAN, THOMAS, 2007, p. 250.

<sup>225</sup> NETO, Guilherme K. **Consciência limpa** - o lugar da confissão e do perdão na vida cristã. São Paulo: Imprensa da fé, 1996, p. 26.

<sup>226</sup> REAL, 2003, p. 111-112.

<sup>227</sup> BARCLAY, William. **Palavras-chave do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 122-123.

O termo grego *koinonia* envolve as ideias de participação, comunhão, companheirismo e contribuição.<sup>228</sup>

“O conceito de comunhão cristã está intimamente ligado à atmosfera exclusiva da *koinonia* bíblica, diferenciando-a de qualquer outro tipo de relacionamento no universo”.<sup>229</sup> O dicionário Internacional de teologia apresenta a palavra *Koinonia* a partir do original grego:

Koino/j (koinos), “comum”, “comunal”; koino/w (koinoo), “tornar comum ou impuro”, “macular”, “profanar”; koinwne/w (koinoneo), “compartilhar”, “ter uma parte em”, “participar de”; koinwni/a (koinonia), “associação”, “comunhão”, “comunidade”, “participação”; koinwniko/j (koinonikos), “dádioso”, “compartilhando”, “liberal”; koinwno/j (koinonos), “companheiro”, “parceiro”, “participante”; sunkoinwno/j (synkoinonos), “co-participante”, “parceiro”; sunkoinwne/w (synkoinoneo), “participar com alguém”, “estar vinculado com”, “compartilhar”.<sup>230</sup>

“Real entende comunhão ou *koinonia*, como uma parceria de doação mútua que visa à edificação, à maturidade dos envolvidos para alcançarem a semelhança com Cristo, ou seja, a santificação. Essa característica já torna a comunhão uma prática exclusiva do cristianismo”.<sup>231</sup> A *koinonia*, tem relação com união, e ao tratar de unidade, Paulo traz à memória alguns valores que unem a igreja, como: “o mesmo Deus, o mesmo Senhor, o mesmo corpo, a mesma fé, o mesmo batismo, a mesma esperança, o mesmo Pai”.<sup>232</sup> Filho destaca que,

como missionário aos gentios, Paulo se transformou no campeão pela unidade do corpo de Cristo, e ele buscou como ninguém a comunhão universal dos santos. Foi o testemunho vigoroso na quebra de todas as barreiras que pudessem impedir alguém de chegar ao reino de Deus e experimentar a comunhão do povo de Deus.<sup>233</sup>

Coenen e Brown ressaltam que, “*koinonia* significa a união estreita e laços de amor fraterno entre os homens, a palavra aparece 13 vezes em Paulo, e é um termo tipicamente paulino”.<sup>234</sup> Conforme Cerfaux,

Paulo emprega-a numa medida relativamente importante (At 1 vez; Epístolas paulinas, 13 vezes; Hb 1 vez; 1 Jo 3 vezes), ora no sentido normal de relação,

<sup>228</sup> CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2006, p. 821. Vol. 1.

<sup>229</sup> REAL, 2003, p. 145.

<sup>230</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 377.

<sup>231</sup> REAL, 2003, p. 146.

<sup>232</sup> FILHO, Juarez Marcondes. **Amar e crescer** - o fator comunhão no crescimento da igreja. Curitiba: Descoberta, 1999, p. 36.

<sup>233</sup> FILHO, 1999, p. 36.

<sup>234</sup> COENEN, BROWN, 2000, p. 379.

de comunidade (2 Co 6.14; Gl 2.9), ora com aplicações especiais que podem originar um sentido técnico (a coleta para os santos de Jerusalém).<sup>235</sup>

Essa coesão que dá vida à comunhão, ocorre quando existe um senso de relacionamento entre os irmãos, nesse sentido, comunhão significa “‘viver junto em união’. É como uma família em harmonia. E é algo ‘bom e agradável’ [...] é onde os muros divisórios como raça e *status* foram derrubados”.<sup>236</sup> Sobre isso o teólogo Stanley Grenz escreve: “a comunidade de amor que a igreja é chamada para ser não é uma realidade comum, pois envolve a participação comum na comunhão divina entre Pai e Filho, mediada pelo Espírito Santo”.<sup>237</sup> Bonhoeffer descreve a “comunhão cristã como o pertencer uns aos outros, por meio de Jesus e em Jesus. Não há comunhão cristã que seja mais ou menos do que isso”.<sup>238</sup>

A comunhão é algo para ser vivido no dia-a-dia, fazendo uso do uns aos outros, por isso, a “forma verbal básica da qual deriva o substantivo *koinonia* significa ‘ter algo em comum’, ‘compartilhar’, ‘participar’, ‘ter parte em’, ‘agir em conjunto’ ou ‘encontrar-se numa relação contratual que envolve deveres de mútua responsabilidade’”.<sup>239</sup> Real entende que só existe comunhão quando existe um relacionamento com Deus e com o irmão, que por sua vez, também se relaciona com Deus, e com outros irmãos, com o mesmo propósito da edificação mútua.<sup>240</sup> O autor acrescenta que a comunhão autêntica entre irmãos, só existe na medida em que cada indivíduo buscar um relacionamento pessoal com Deus.<sup>241</sup>

O relacionamento interpessoal deve ser associado a outro mecanismo imprescindível na busca da comunhão bíblica: o exercício dos dons. Filho ressalta que “os dons não foram dados por Deus para ornamento espiritual ou embelezamento religioso, mas para incrementarem o serviço dos crentes”.<sup>242</sup> Real salienta que,

os dons do Espírito são instrumentos que Deus usa para ensinar as pessoas a se amarem. Não se pode falar em comunhão sem o exercício dos dons espirituais. Eles estabelecem um relacionamento interativo entre os irmãos, o que lhes confere benefícios mútuos.<sup>243</sup>

<sup>235</sup> CERFAUX, Lucien. **O cristão na teologia de Paulo**. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Teológica, 2003, p. 340.

<sup>236</sup> FORMAN, Rowland; JONES, Jeff; MILLER, Bruce. **O bastão da liderança**- uma estratégia para o desenvolvimento de líderes na sua igreja. Trad. Josué Ribeiro. Curitiba: Evangélica Esperança, 2008, p. 89.

<sup>237</sup> FORMAN, JONES, MILLER, 2008, p. 89.

<sup>238</sup> BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 12.

<sup>239</sup> CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **A natureza e missão da igreja**: um passo rumo a uma declaração conjunta. Trad. Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2009, p. 22.

<sup>240</sup> REAL, 2003, p. 146.

<sup>241</sup> REAL, 2003, p. 147.

<sup>242</sup> FILHO, 1999, p. 52.

<sup>243</sup> REAL, 2003, p. 147.

O propósito final dos dons é a edificação do Corpo de Cristo e Paulo estimula os cristãos de Roma a fazer todo o possível para que haja tal edificação.<sup>244</sup> Dessa forma divisões e desentendimentos seriam evitados e a maturidade do Corpo seria evidenciada. Getz afirma que o conceito bíblico de “uns aos outros”, está intimamente ligado a compreensão que cada indivíduo tem responsabilidade na edificação do corpo, na medida em que ele desenvolve o seu dom com maturidade e humildade.<sup>245</sup> Se os cristãos forem ensinados a se tornarem pessoas maduras, no âmbito pessoal e também no corpo da igreja, haverá um crescimento espiritual na vida de ambos, e ainda, se forem ensinados a colocar em prática as,

“exortações mútuas” positivas, mediante a obediência e a confiança no Espírito Santo, acontecerá mais do que nunca um maior crescimento do corpo [...] com a direção do Espírito Santo para o uso dos dons e talentos com maturidade e humildade- edificando outros, em lugar de chamar atenção para si mesmos.<sup>246</sup>

Na vida cristã, não há lugar para individualismos, o cristão não consegue viver de forma isolada, pois existe uma necessidade de estar junto, de se relacionar através da comunhão. Segundo Dever, a vida cristã inclui os outros.<sup>247</sup> A vida em comunidade é imprescindível, pois é através dela que os cristãos experimentam a comunhão. A seguir algumas razões que apontam a necessidade da comunhão:

*1 – A comunhão é o elo de ligação para a continuidade da fé – “quando nos tornamos membro de uma igreja, estamos dando as mãos uns aos outros para conhecermos e sermos conhecidos uns pelos outros”. A comunhão verdadeira é o combustível para o desenvolvimento da comunidade cristã. Há um compromisso em ajudar e animar uns aos outros, no objetivo de dar continuidade a obra de Deus em cada vida.*<sup>248</sup>

*2 – A comunhão propaga o evangelho com maior eficiência – a propagação do evangelho é um privilégio que deve ser desempenhado agora, não haverá essa possibilidade no céu. Em virtude disso, a igreja deve unir-se na missão da evangelização. “Embora sejamos imperfeitos, se o Espírito de Deus estiver realmente agindo em nós, Ele usará nossas vidas para demonstrar aos outros a verdade de seu evangelho”.*<sup>249</sup>

---

<sup>244</sup> GETZ, 2006, p. 20.

<sup>245</sup> GETZ, 2006, p. 22.

<sup>246</sup> GETZ, 2006, p. 22.

<sup>247</sup> DEVER, 2012, p. 164.

<sup>248</sup> DEVER, 2012, p. 165-166.

<sup>249</sup> DEVER, 2012, p. 166-167.

3 – *A comunhão aumenta o senso de responsabilidade na obra de Deus* – ao unir-se a uma igreja, a pessoa permite que os líderes e demais membros, tenham responsabilidade sobre a vida dela. Essa troca de experiências faz com que haja verdadeira comunhão, pois existe em cada um a necessidade de ajudar. “Temos de começar a considerar o ser membro de uma igreja não como uma filiação útil somente em ocasiões especiais, e sim como uma responsabilidade regular que nos envolve na vida dos outros para satisfazer os propósitos do evangelho”.

4 – *A comunhão glorifica a Deus* – a vida individual do cristão deve glorificar a Deus, isto significa que, Deus irá receber a glória por cada ato do cristão. Mas, também a vida em comunidade deve promover a glória de Deus. Os relacionamentos do corpo de Cristo devem glorificar a pessoa de Deus. “Nossa vida corporativa tem de nos identificar como povo dEle e trazer-Lhe louvor e glória”.<sup>250</sup>

5 – *A comunhão produz justiça e paz* – o viver em comunidade deve manifestar a sua desaprovação diante da injustiça. “É importante considerar que a promoção da justiça em meio à injustiça precisa encontrar eco no ambiente da própria comunidade. Aqueles que promovem a justiça, vivem a justiça individual e comunitariamente”. Por isso é necessário que a comunidade esteja atenta à sua vida de comunhão para não permitir que os da própria família da fé fiquem desamparados. Mas, a vida cristã também é caracterizada pela experiência da paz. É impossível conviver num ambiente de paz, se existe injustiça, por isso, a plenitude da paz será alcançada pelo corpo de Cristo através dos relacionamentos.<sup>251</sup>

Exercitar a comunhão é um desafio para toda a comunidade cristã, e um referencial para a sociedade. Por isso, é necessário que haja o engajamento de todos os membros, no intuito de fortalecer os laços da comunhão, dessa forma a igreja não terá razão de ser nela mesma. Ela será relevante no âmbito individual, no viver o “uns aos outros”, mas também um modelo para a uma sociedade com falta de amor.

---

<sup>250</sup> MODES, Josemar Valdir. **Crescimento natural da igreja**: deixando a igreja ser igreja. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira – Trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Teologia, 2009, p. 37.

<sup>251</sup> FILHO, 1999, p. 68-70.

## CONCLUSÃO

O viver em comunidade é um dos grandes desafios dos cristãos, pois tal convívio é exposto a diversas intempéries. A igreja é um reduto onde se abrigam diversos tipos de pessoas e em virtude disso, precisa ser um agente de transformação, com o propósito de promover a unidade entre os seus integrantes. Sabe-se que a convivência nunca foi algo fácil de praticar, para isso o Senhor Jesus deixou alguns mandamentos, para que através deles, a vida em comunidade fosse algo além de uma utopia.

Dentre esses mandamentos, o amor surge como o impulsionador dos relacionamentos. Ele é vital para todos e um desafio constante, mas, também caracteriza-se como uma benção sem medida, cuja qual ninguém consegue viver sem. Amar o próximo é essencial para a existência de uma comunidade cristã. Por isso o apóstolo Paulo insistiu tanto para que ao invés do preconceito, houvesse a prática do amor mútuo, pois o amor aproxima as pessoas, ele tem a capacidade de curar relacionamentos quebrados e interromper todo o tipo de preconceito.

Jesus fez desse mandamento um desafio para a Sua igreja, com o propósito de manifestar publicamente o amor “uns aos outros”, ou seja, para que o amor seja demonstrado, seja real, seja a essência do relacionamento mútuo. O amor “uns pelos outros” estimula o viver em favor dos outros, significa que há um elo, algo que liga uma pessoa à outra, a exemplo de uma corrente. Todos estão unidos e possuem o mesmo propósito. Esse é o propósito de Paulo ao exortar a igreja a buscarem esse ideal. O amor é tão importante para ele, que o menciona em todas as suas cartas, como sendo de vital importância do viver cristão.

Para tanto o apóstolo Paulo relaciona o amor como o elo de ligação entre os irmãos, como os membros são do corpo. Todos estão interligados e formam a totalidade do ser humano. Assim como o corpo, possui vários órgãos, o amor possui várias facetas, como: *a mesma atitude*, se houver amor, *não haverá julgamentos*, pois, ele consolida os relacionamentos através da *edificação* e da *aceitação mútua*, bem como promove o *aconselhamento* e as manifestações públicas de amor fraternal.

O “Uns aos outros” só é encontrado na forma plural, isso significa que é um sinônimo de comunhão, também chamada de mutualidade. De acordo com o Novo Testamento, a comunhão tem a ver com as relações pessoais entre os irmãos, primeiramente com Deus e depois, estendida de um para o outro, tendo como cerne a união. A comunhão é um dos aspectos mais relevantes da existência de uma igreja local, através dela o corpo de crentes ganha o amadurecimento

necessário para refletir os frutos do Espírito. Tais pessoas, vivem no Espírito e permanecem juntas no mesmo Espírito. O apelo do apóstolo Paulo estava baseado na comunhão e na unidade. A unidade revela a essência de Deus, e é função da igreja a propagação dessa verdade. Ao longo da história vê-se um mundo descontrolado, há guerras, desarmonias entre os povos, o padrão de comportamento humano é a desunião, em virtude disso, os cristãos devem ser “um” em Cristo, refletindo tal unidade de maneira prática.

A chave da unidade é a maturidade cristã que transmite amor. O cristão maduro é capaz de aceitar as diferenças que há entre “Uns e outros”, sem fazer julgamentos, justamente o problema da igreja de Roma, onde alguns cristãos se recusavam a engajar-se em certas atividades, pois voltavam o seu olhar para as diferenças. Nenhum cristão deve cair nessa armadilha de julgar “Uns aos outros”, mas que cada opinião pessoal, esteja bem definida em cada mente (Rm 14.5).

A intenção do apóstolo Paulo ao exortar a igreja de Roma, era fazer com que ela adquirisse maturidade a tal ponto de que fosse capaz de conviver com as diferenças em um plano superior, usando como alicerce o amor. Essa convivência saudável além de proporcionar o crescimento pessoal e espiritual para a igreja, faria diferença na *saúde física* de seus integrantes, na medida em que os desafios dos relacionamentos viessem à tona, tais membros seriam capazes de *manter a unidade, quebrar as barreiras do preconceito* e criar tamanha *consciência de interdependência*, que fariam deles cristãos caracterizados por atitudes como: *investidores de vidas*, capazes de exercitar o *perdão* e viver a plena *comunhão* na relação do “Uns aos outros”.

## REFERÊNCIAS

- ALLMEN, J.J. Von. **Vocabulário Bíblico**. Trad. Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001. 621 p.
- ARNOTT, John. **A importância do perdão**. Trad. Gaynor Smith. Rio de Janeiro: Danprewan, 2002, 62 p.
- BARCLAY, William. **Palavras-chave do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, 206 p.
- BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Novo Século, 1999, 854 p.
- BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. Trad. Lindolfo Anders. São Paulo: Novo século, 1999, p.
- BAUER, Johannes. **Dicionário de teologia bíblica**. Trad. Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1979, Vol. I, 584 p.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. São Leopoldo: Sinodal, 1997. 95 p.
- BRAND, Paul; YANCEY, Philip. **As maravilhas do corpo**- a igreja refletida no corpo humano. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1989, 216 p.
- BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003, 483 p.
- BRUCE, F. F. **Romanos: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2001, 232 p.
- BRUCE, F.F. **Romanos**- introdução e comentário. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 2002, 232 p.
- CALVINO, João. **Romanos**- comentários bíblicos João Calvino. São José dos Campos: Fiel, 2003, 598 p.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas. J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997, 556 p.
- CERFAUX, Lucien. **O cristão na teologia de Paulo**. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Teológica, 2003. 616 p.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Vol. 1. São Paulo: Hagnos, 2006, 806 p.
- CHAPMAN, Gary; THOMAS, Jennifer. **As cinco linguagens do perdão**. Trad. Omar de Souza. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, 250 p.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento**. Trad. Gordon Chown. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 2. 2773 p.
- COLLINS, Gary R. **Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento**. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 2005. 216 p.
- CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **A natureza e missão da igreja**: um passo rumo a uma declaração conjunta. Trad. Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 2009. 68 p.
- CRABB, Larry. **Conexão**: o poder restaurador dos relacionamentos humanos. O plano de Deus visando cura emocional. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999, 285 p.

- CRANFIELD, C.E.B. **Comentário de Romanos**- versículo por versículo. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Vida Nova, 2005, 347 p.
- DEVER, Mark. **Nove marcas de uma igreja saudável**. Trad. Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2012. 307 p.
- DEVER, Mark. **O que é uma igreja saudável?** Trad. Francisco Wellington Ferreira. São José dos Campos: Fiel, 2009, 114 p.
- ELWELL, Walter A.; YARBROUGH, Robert W. **Descobrimo o Novo Testamento**- Uma perspectiva histórica e teológica. Trad. Lúcia Kerr Jóia. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, 448 p.
- ERDMAN, Charles. **Comentário de Romanos**. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Presbiteriana, 1925, 170 p.
- ERICKSON, Millard J. **Conciso dicionário de Teologia Cristã**. Trad. Darci Dusilek e Arsênio Novaes Netto. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, 179 p.
- FILHO, Juarez Marcondes. **Amar e crescer**- o fator comunhão no crescimento da igreja. Curitiba: Descoberta, 1999. 128 p.
- FORMAN, Rowland; JONES, Jeff; MILLER, Bruce. **O bastão da liderança**- uma estratégia para o desenvolvimento de líderes na sua igreja. Trad. Josué Ribeiro. Curitiba: Evangélica Esperança, 2008. 220 p.
- GETZ, Gene A. **Um por todos, todos por um**. Trad. Ana Vitória Esteves de Souza. Brasília: Palavra, 2006. 160 p.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Objetiva: Rio de Janeiro, 1995, 370 p.
- GRINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento Grego/Português**. Trad. Júlio Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984, 228 p.
- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph F.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulus; Vida Nova; Loyola, 2008. 1285 p.
- HENDRIKSEN, William. **Romanos**: comentário do Novo Testamento. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, 704 p.
- HÖRTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento**. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Evangélica Esperança, 1996, 197 p.
- JOHN, Murray. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2003, 684 p.
- KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri: SBB, 1999. 191p.
- LANGE, John Peter. **Epistle of Paul to the Romans**. In: Lange's Commentary on the Holy Scriptures. Vol. 10. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980, v. 1. p.
- LEENHARDT, F. J. **Epístola aos Romanos**- comentário exegético. Trad. Waldyr Carvalho Cruz. São Paulo: ASTE, 1969, 399 p.
- LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2010, 509 p.
- LUCADO, Max. **Romanos: o grande projeto de Deus**. Trad. Daniel Faria. São Paulo: Mundo Cristão, 2014. 90 p.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. Trad. Werner Fuchs. São Paulo: Editora Vida, 2010, 622 p.

MAXWELL, John C. **Os quatro segredos do sucesso**- tudo o que você precisa saber sobre liderança, capacitação, atitude e relacionamento. Trad. Valéria Lamim Delgado e Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2008, 260 p.

MENDES, Naamã. **Igreja lugar de vida**- um diagnóstico honesto do que precisa melhorar na igreja para que ela cumpra sua função terapêutica na vida do homem. Venda Nova: Betânia, 1992. 117 p.

MODES, Josemar Valdir. **Crescimento natural da igreja**: deixando a igreja ser igreja. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira – Trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Teologia, 2009, 87 p.

MOORE, Waylon B. **Multiplicando discípulos** – o método neotestamentário para o crescimento da igreja. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, 135 p.

MÜLLER, Harry. **Relacionamentos em ação**. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Evangélica Esperança, 2000, 126 p.

MURRAY, John. **Comentário Bíblico Fiel**. São José dos Campos: Fiel, 2003, 684 p.

NETO, Guilherme K. **Consciência limpa**- o lugar da confissão e do perdão na vida cristã. São Paulo: Imprensa da fé, 1996, 57 p.

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**- comentário esperança. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Evangélica Esperança, 1999, 256 p.

REAL, Paulo. **Relacionamentos na igreja**: como manter a unidade na diversidade. São Paulo: Vida, 2003. 179 p.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico**: gramática fundamental. São Paulo: Vida Nova, 2014. 409 p.

SCHWARZ, Christian A. **O desenvolvimento natural da igreja**. Curitiba: Evangélica Esperança, 1996. 128 p.

SCHWARZ, Christian A.; SCHALK, Christoph. **A prática do desenvolvimento natural da igreja**. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998. 240 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **A Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 1996, 278 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia de estudo de Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, 1969 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada** – Nova Tradução na Linguagem de hoje. Barueri: SBB, 2000, 270 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Shedd** – Antigo e Novo Testamentos. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: SBB; Vida Nova, 1997, 1914 p.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada Português – Inglês**. São Paulo: Vida, 2003, 1390 p.

STOTT, John. **A mensagem de Romanos**. Trad. Silêda e Marcos D. S. Steuernagel. São Paulo: ABU, 2000. 528 p.

STOTT, John. **Romanos: introdução e comentário**. Trad. Silêda Steuernagel. São Paulo: ABU, 2003, 522 p.

TOWNSEND, John; CLOUD, Henry. **Relacionamentos saudáveis**: como desenvolver bons relacionamentos e evitar os ruins. Trad. Denise Avalone. São Paulo: Vida, 2003. 234 p.

VALADÃO, Márcio. **Rejeitando a rejeição**. Belo Horizonte: IBL, 2011, p.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; JR. WHITE, William. **Dicionário Vine** – o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento**. Volume I. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p.

WILSON, Geoffrey. **Romanos**: um resumo do pensamento reformado. São Paulo: PES, 1981, 227 p.

YANCEY, Philip. **Igreja**: por que me importar? Redescobrimo o prazer da vida em comunidade. Trad. Elizabeth Charles Gomes. São Paulo: Sepal, 2001, 112 p.